



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS – DEPM
ESCOLA DE MUSEOLOGIA / BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

LUCAS BARBOSA OLIVEIRA SOUZA

AGIR PARA TEORIZAR A PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA CONTRACOLONIAL:
complexidade e valores civilizatórios afro-brasileiros na museologia kilombola

RIO DE JANEIRO

2025



LUCAS BARBOSA OLIVEIRA SOUZA

**AGIR PARA TEORIZAR A PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA CONTRACOLONIAL:
complexidade e valores civilizatórios afro-brasileiros na museologia kilombola**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,
apresentado ao curso de Museologia da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: prof.^a Dr.^a Ludmila Leite Madeira
da Costa

Coorientador: prof. Dr. Mario de Chagas Souza

RIO DE JANEIRO

2025

Ficha catalográfica

S719 Souza, Lucas Barbosa Oliveira
Agir para teorizar a pedagogia museológica
contracolonial: complexidade e valores civilizatórios afro-
brasileiros na museologia kilombola / Lucas Barbosa
Oliveira Souza. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.
56 p

Orientadora: Ludmila Leite Madeira da Costa.
Coorientador: Mario de Chagas Souza.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação
em Museologia, 2025.

1. Museologia. 2. Valores Civilizatórios Afro-
brasileiros. 3. Complexidade. I. Costa, Ludmila Leite
Madeira da, orient. II. Souza, Mario de Chagas, coorient.
III. Título.

Licença de direito autoral

AGIR PARA TEORIZAR A PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA CONTRACOLONIAL: complexidade e valores civilizatórios afro-brasileiros na museologia kilombola © 2025 por Lucas Barbosa Oliveira Souza está licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> 

LUCAS BARBOSA OLIVEIRA SOUZA

AGIR PARA TEORIZAR A PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA CONTRACOLONIAL:
complexidade e valores civilizatórios afro-brasileiros na museologia kilombola

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,
apresentado ao curso de Museologia da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em: 25/03/2025

Banca examinadora:

prof.^a Dr.^a Ludmila Leite Madeira da Costa (Orientadora)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

prof. Dr. Mario de Chagas Souza (Coorientador)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

prof.^a Dr.^a Adrienne Ogêda Guedes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Dedico aos meus ancestrais e à Rede Museologia Kilombola por me permitir fazer
ontem os passos que sonhamos dar hoje

AGRADECIMENTOS

Ao meu primeiro lá - a minha mãe Luciene; à minha primeira casa - as minhas irmãs Lidiane e Lucyane, avós Penha e Leonardo e madrinha Deise, à minha coluna dorsal do ensino médio à graduação, Raphael Santos e todas pessoas amigas que nos acompanharam, ao meu segundo lá - a Comunidade de Terreiro Afro-indígena Casa do Silêncio.

Aos meus primeiros orientadores da jornada acadêmica, Luciene Moura e Julio Roitberg, por me apresentarem uma ciência que vale a pena ser feita, agradeço!

Às minhas camaradas da Escola de Teatro Popular (ETP) por engajar meu corpo para a transformação. Arte pra lutar, Teatro popular!

Aos professores Mario Chagas e Bruno Brulon por me apresentarem a primeira museologia que vale a pena ser feita e lutar lá nos primeiros períodos da graduação.

À generosidade da professora Adrienne Guedes, da pedagogia, por topar avaliar esse trabalho.

À Aryane Peixoto, Victória de Mesquita e Layla Rodrigues minha gratidão, cumprimento nas suas figuras todas boas companhias e amizades nesse processo universidade.

Aos professores que dedicadamente me reforçaram a quem meu intelecto deve servir.

À minha orientadora, Ludmila Costa por topar, por ler, por comentar, me acompanhar e, no limite do possível, me permitir fazer esse trabalho como gostaria que fosse feito.

À minha insistência de 7 anos em acreditar que ciência só pode ser produção responsável com a vida quando tem objetivo final o meu, o nossos e com quem quiser **bem viver!**

Pisamos no Àiyê para aprender a bem viver

SOUZA, Lucas Barbosa Oliveira. **Agir para teorizar a pedagogia museológica contracolonial:** complexidade e valores civilizatórios afro-brasileiros na museologia kilombola. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em museologia), 2025, f. 56.

RESUMO

A presente pesquisa investiga a proposta pedagógica para ensino da prática e da teoria de musealização desenvolvida pela Rede Museologia Kilombola, aplicada durante o 13º Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia - XIII ENEMU, e na Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - SIA 2023. Considerando os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros e Complexidade, discutimos a importância da Memória e da Afetividade durante a educação científica para humanização da estudante e profissional da museologia em prol da superação do objetivismo e da simplicidade eurocêntrica como paradigma do fazer-pensar científico. Por fim, indicamos que a formação proposta pela Rede Museologia Kilombola possui potencial de fortalecer o conceito de pedagogia museológica contracolonial. A formação ao trabalhar com o conceito de musealização, consorciada aos valores e referências culturais afro-indígenas, destaca a finalidade educativa, pública, emancipatória e antirracista que a museologia pode desempenhar, o que nos aponta, em última análise, para uma nova sociabilidade afetiva na educação da prática e na teorização científica contracolonial da musealização, indispensável à superação dos desafios socioeconômicos, ambientais e políticos no século XXI.

Palavras-chave: Museologia. Musealização. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros. Complexidade.

SOUZA, Lucas Barbosa Oliveira. **Acting to theorize counter-colonial museum pedagogy: Complexity and Afro-Brazilian Civilizing Values in Kilombola Museology.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em museologia), 2025, f. 56.

ABSTRACT

This research investigates the pedagogical proposal for teaching the practice and theory of musealization developed by the Rede Museologia Kilombola, applied during the 13º Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia - XIII ENEMU, and at the Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - SIA 2023. Considering the Afro-Brazilian Civilizing Values and Complexity, we discuss the importance of Memory and Affectivity during scientific education for the humanization of museology students and professionals in favor of overcoming objectivism and Eurocentric simplicity as a paradigm of scientific thinking-doing. Finally, we indicate that the training proposed by the Rede Museologia Kilombola has the potential to strengthen the concept of museological pedagogy. The training in working with the concept of musealization, combined with Afro-indigenous cultural values and references, highlighting the specifically educational, public, emancipatory and anti-racist aspects that museology can have, which ultimately points us towards a new affective sociability in the education of practice and in the counter-colonial scientific theorization of musealization, indispensable for overcoming socioeconomic, environmental and political challenges in the 21st century.

Keywords: Museology. Musealization. Afro-Brazilian Civilizing Values. Complexity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 -	Reunião de planejamento da Paleforme	34
Figura 1 -	Cadeia retroalimentar da musealização	36
Imagem 2 -	Mediação durante a formação em Ouro Preto	35
Imagem 3 -	Esquema sistema confluyente museológico na SIA I	38
Imagem 4 -	Esquema sistema confluyente museológico na SIA II	38
Imagem 5 -	Esquema e participantes I	38
Imagem 6 -	Esquema e participantes II	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RMK	Rede Museologia Kilombola
VCAB	Valores Civilizatórios Afro-brasileiros
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
ENEMU	Encontro Nacional de Estudantes de Museologia
EXNEMUS	Executiva Nacional de Estudantes de Museologia
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOFOM	Comitê para museologia
SIA	Semana de Integração Acadêmica

SUMÁRIO

A vida não tem INTRODUÇÃO e nem a pesquisa.....	12
O problema da pesquisa científica é o problema da educação em ciências	15
Criança que sabe! O lugar da infância na investigação-vida.....	17
Pensando muito [pensando] a complexidade	19
O projeto de mundo é outro na cosmo percepção afro-indígena.....	22
Valores e referências para educar ou melhor fazer científico na museologia.....	24
Algumas ideias sobre Museologia.....	26
Todo tipo de parafernalia para viver bem o mundo que se quer	29
A pesquisa começa no chão.....	31
DISCUSSÃO E RESULTADO DA PARTICIPAÇÃO	39
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS	42
REFERÊNCIAS	45

A vida não tem INTRODUÇÃO e nem a pesquisa

“Se a ciência não puder contribuir para resolver os problemas da vida, há de servir para muito pouco”, por Regina Leite Garcia (2003, p. 10).

A frase que abre esse trabalho é uma afirmação de vida. Carrego essa intenção por todo canto, a todo momento nesses sete anos que iniciei minha vida acadêmica, lá no ensino médio, na pré-iniciação científica em museologia¹. De lá até aqui tenho em mim que só me proponho a escrever dessa forma porque estou buscando melhores formas de estar e de ocupar o mundo, e, portanto, atraí-me muito atitudes ativas em tornar melhor nossa passagem na escola, na universidade e nos espaços profissionais que transitamos.

Vou contar aqui os esforços empenhados nesses 5 anos de museologia em que contribuí, à minha maneira, na construção de um lugar mais crítico, sensível, complexo e contracolonial de pensar e fazer a musealização. Mesmo conhecendo e investigando as implicações da colonialidade na formação acadêmica, e na vida cotidiana, não me privei à negação desses valores compulsórios, e fui adubar o que não conhecia para florescer o que nem sabia que era possível se relevar ao construir uma atividade educativa de museologia.

Quem conhece Exú, sabe que a linguagem da encruzilhada é mistério. Aprender a reconhecer o trabalho com o desconhecido é matar o pássaro ontem com a pedra que se atirou hoje, como diz o velho ditado yorubano. Foi nesse lugar que passo a considerar o que faço/pesquisei. Os caminhos da pesquisa-vida são misteriosos e imprevisíveis, é preciso persistir no que não se sabe até passar a saber nesse caminho de investigar e experimentar.

Às pessoas leitoras desse texto, para eu chegar aqui no momento que escrevo, foram necessários muitos movimentos. Coreografias que desafiam toda oferta fácil de se docilizar ao pensamento simplista, o que tem horror à vida nas suas dinâmicas mais fundamentais: o movimento, a mudança e a transformação na relação com as pessoas e com o mundo.

Responderei ao desejo de narrar minha trajetória não linear de vida para a pesquisa de Conclusão de Curso, permitindo ser autobiográfica, preenchendo lacunas, adicionando comentários fora do tempo das circunstâncias que sou analista e analisada nos processos

¹ Projeto de ensino “Videoamadorismo, história e narrativas fotográficas: a elaboração do passado através da memória viva estudantil para o acervo do centro de memória ETESC/FAETEC”, orientado pelo Dr. Julio Roitberg e Luciane Moura.

educativos que concebo e aplico na qualidade de responsável pela Coordenação de Formação da Rede Museologia Kilombola, espaço que desenvolvi o objeto em análise.

Para continuar nas páginas seguintes, ofertarei interpretações valiosas para nossa jornada narrativa. O tempo está para outra lógica aqui quando invoquei Exú no texto. Alerto que passear nessa encruza requer alguma paciência e ginga², entre avanços e retornos na interpretação e continuidade do raciocínio a garantia é: ao ler no mistério criar não é opcional. Aqui todas iremos negociar o que se quer, o que se recebe, o que se é e o que pode ser-pensar-fazer museologia, ciência e os saberes ancestrais.

Nessa pesquisa decido por investigar a presença da cosmopercepção (Oyěwùmí, 2002) dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros - VCAB (Trindade, 2006) na formação educativa, concebidas por mim na Coordenação de Formação da Rede Museologia Kilombola (RMK), para tal analiso o planejamento, a aplicação e discuto as impressões dos participantes da formação.

O percurso metodológico é baseado na investigação-vida (Godoy Lenz et al, 2023) e no paradigma da complexidade, entendendo e acolhendo como única opção honesta e agregadora ao apresentar o estudo da prática educativa de musealização kilombola gestada na trajetória da rede emaranhada que se formou dançando com o restante de tempo/espaço que atuo-penso nesse campo, durante a graduação, dentro e fora da Universidade Pública.

A cosmopercepção, termo defendido pela socióloga Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2002) foi escolhido em detrimento da cosmovisão, pois aponta na expansão da compreensão da realidade além do que se pode “ver” na lógica do Ocidente, a efeito de primeira convenção aqui, adotarei a mesma interpretação:

O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. [...] ‘cosmovisão’ só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e ‘cosmopercepção’ será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos” (Oyěwùmí, 2002, p. 3).

É importante afirmar que não se está reivindicando o espaço científico hegemônico, por isso os atributos éticos, epistemológicos e ontológicos são diferentes das bases ocidentais modernas de pensar-fazer ciência. Disputo a interpretação no campo conceitual museológico, manifestada no conceito de musealização e da prática educativa, sob as bases dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (VCAB). Buscando orientar e não destoar da referência de origem dessas práticas e conceitos, de maneira a não se descontextualizá-los.

² “[...] um instrumento de navegação social, um meio de driblar situações que a vida social nos pode apresentar” (Nascimento, 2019).

Em princípios éticos, essa pesquisa-vida atua e se compromete com o antirracismo e a contracolônização, fundamentos de ação da Rede Museologia Kilombola, âncora da existência intelectual dos processos em estudo, assim como atuou e atua na sobrevivência física e mental das pessoas negras na museologia. Para essa autoria, interessa afirmar que a museologia tem algo a contribuir ao bem viver³, com propriedade interessa discutir formas de fortalecê-la, a partir do interesse pela vida compreendida pela cosmopercepção afro.

Essa pesquisa é museológica. É importante afirmar, não porque é executada por estudante e no curso de museologia, isso não qualifica uma produção por si só, ela é porque navega em conceitos e práticas específicas. Há quem dispute a propriedade de pensar o nosso campo, tão somente me preocupa a serventia do que faço com quem me cerca.

O que considero critério para a pesquisa museológica é a operação de certos conceitos, aqui é a musealização, escolho redirecionar o “olhar para a ação produzida na musealização” (Brulon, 2018, 207), compreendendo que os objetos “falam” mais daqueles que os escolhem para as mais diversas finalidades simbólicas (Cury, 2020, p. 135). Considerando, ainda, a indissociável relação teoria e práxis da reflexividade devemos na posição de cientistas da musealização ou profissionais da museologia buscar adquirir autoconhecimento das nossas práticas bem como a revisão crítica dos paradigmas vigentes (Brulon, 2017 *apud* Cury, 2020, p. 137), isso quer dizer: fazer autocrítica responsável.

Não inviabiliza dizer que o conhecimento científico não pode pertencer a um cerco de intelectuais. E nesse sentido, caso se pretenda alguma relevância e aderência com a realidade, é na apropriação dos saberes museológicos pelas pessoas, associado e interessado à vida que produzem práticas inovadoras (Chagas, 2009, p. 213-214) de pesquisar.

Persigo a inquietação do lúcido professor Mário Chagas, que em muitas conversas compartilhou que precisamos evidenciar a relevância da museologia no cotidiano e de forma acessível a quem possa se interessar. Essa inteligência de democratizar o conhecimento científico com compromisso e responsabilidade crítica que venho perseguindo.

Por isso, também, penso muito na característica ampliadora da “confluência”, já diria Antonio Bispo dos Santos agora ancestral, que o conhecimento precisa circular, pois “quando você compartilha, o saber só cresce, é como águas que confluenciam”. Essa perspectiva nos

³ Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida (Acosta, 2016, p. 33).

convoca a superar a lógica sovina da escassez que encastela o conhecimento científico da porta para dentro da universidade e se coloca acima de todas formas de saber.

É com desejo de partilhar abundância que esta pesquisa-vida está na educação e na museologia, acreditando no caráter multiplicador desse diálogo e no potencial transformador humano ao se sensibilizar, conhecer e organizar para modificar o mundo, propor novas formas de tornar mais digno o nosso viver em comunidade acadêmica e para além dela.

A pesquisa é complexa e agrega saberes das ciências, de terreiros, da ancestralidade, das artes e da educação. É kilombola como na profecia feita décadas atrás quando o nosso Exú Rei Abdias Nascimento nos presenteou com um sonho de uma juventude, de um povo negro livre versando sobre a própria arte de ser grande em suas próprias referências.

Tenho como objetivo ampliar o diálogo entre saberes, acreditando que a educação e a reflexividade têm papel decisivo na museologia. Ao apontar a qualidade de educação distinta interdisciplinarmente com outras formas de saber e habitar o mundo, oriento a pesquisa em pedagogia museológica (Bruno, 2015) para que informe e proponha a necessidade de estudar essa ciência a partir de valores e referências alinhadas às cosmopercepções afro-indígenas que constituem a complexa realidade territorial do Brasil.

À sabedoria da ancestralidade viva dos meus e de Antônio Bispo dos Santos, patrono da Rede Museologia Kilombola, modupé!

O problema da pesquisa científica é o problema da educação em ciências

Toda pesquisa científica rigorosa precisa perguntar o problema que se pretende investigar, o que não se resume a observar um fenômeno como se ele fosse autoexplicativo. Outro desafio é escolher um tema que ajude a investigar o seu problema, verificar quem e o que foi dito sobre ele na literatura especializada. Esses passos são úteis no desenvolvimento da discussão da investigação pretendida. Assim, não se pesquisa só, tão pouco se a realiza sem inferências, não somos pessoas observadoras impassíveis, nem oráculos da verdade.

A ciência não é a mera observação de fenômenos. Identifica-se, à luz de um conhecimento disponível, problemas decorrentes dos fenômenos. A percepção de problemas é uma percepção impregnada de fundo teórico. Um fato em si mesmo não tem relevância alguma, não diz nada. Ele passa a ter relevância, pertinência, quando relacionado a um problema, a uma dúvida, a uma questão que precisa de resposta. Apenas isso justifica uma investigação (Köche, 2011, p. 72).

O problema da minha pesquisa é a pesquisa científica. É o tema (meta) científico que tem me mobilizado desde a pré-iniciação científica e feito eu refletir qual a posição, função,

limite e potencial de aplicação didática de uma ciência com fim sua autocompreensão científica. Por que nos tornaríamos cientistas sem entender ciência? Ou nos tornaríamos museólogas sem entender a museologia? Por algum tempo na graduação fui escavar as origens dos debates epistemológicos da museologia, e me aproximei das discussões metateóricas de Stránský na tentativa de definição de uma disciplina científica.

As condições de cientificidade da Museologia evocadas por Stránský são detalhadas de maneira bastante precisa: esta deve possuir (1) um objeto de conhecimento específico, (2) um método que lhe seja próprio, (3) uma linguagem científica e (4) um sistema teórico (Stránský, 1980, p. 44 *apud* Mairesse, 2017 p.87 e 88).

Na sociologia da ciência, essas condições de cientificidade são chamadas também de “índices formais”, representando apenas um aspecto conceitual, que não pode ser dissociado do plano das articulações materiais, políticas, educacionais e econômicas - sob a ordem do poder - como financiar pesquisas e ações de divulgação; criar associações, organizações, publicações e eventos da própria disciplina, como o ICOM/ICOFOM⁴; tecer “relações públicas” com outros grupos consolidados, acadêmicos ou não; e, especialmente, a formação e o ensino que fortalecem profissional e academicamente os ‘índices formais’ (Latour, 2001 *apud* Mairesse, 2017 p. 97) que legitimam a disciplinaridade.

De certo modo, o estudo das grandes tendências – a demografia dos estudantes assim como a dos professores, o clima político nacional e internacional, o desenvolvimento econômico, a multiplicação dos museus, etc. – contribui a uma melhor compreensão das possibilidades de emergência de uma disciplina científica (Mairesse, 2017, p. 98).

Dessas condições conceituais, a do método é a que tenho profundo interesse, pois, grosseiramente, é a partir dela que podemos dizer se estamos a fazer ciência ou não. O método é condição de distinção do cientista do leigo, logo, quando pretendo me graduar cientista, parece-me incontornável discutir o método científico, bem como suas implicações críticas para o bom exercício de bacharel em museologia.

Precisaremos retroagir na compreensão moderna e ocidental onde o método é apresentado como anterior aos ensaios científicos, mesmo que a formulação de suas regras não tenha iniciado qualquer ciência, Descartes e outros pensadores modernos que os sucederam nos sugerem e induzem a crença que sim (Najmanovich, 2023, p. 95).

A dúvida metódica cartesiana pariu a ilusão metódica graças a um “bucle temporal” (retorno no tempo): quando chegamos à meta, depois de árduos desvelos e não poucas dificuldades e rodeios, podemos inventar retroativamente um caminho direto que une o final e o princípio. Amparados no proveito pedagógico e nas vantagens da clareza expositiva, podemos reescrever a história (Najmanovich, 2022, p. 97).

⁴ Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

A ideia de que é possível “proteger” nossa pesquisa de nós mesmos, escondendo nossa impressão pessoal para exercer posição de neutralidade absoluta é uma afabulação, um gênero discursivo que se nega como narrativa que se é (Derrida, 1987 *apud* Najmanovich, 2022, p. 96-97), através de uma narrativa. Não existe pesquisa sem neutra.

Nessa perspectiva, método - no sentido etimológico de “caminho” - é substituído por uma operação de “higienização” e “purificação” da pesquisa, apagando a complexidade do itinerário histórico da investigação, o que nos leva a mistificação da experiência, faz-nos crer que é possível percorrer sem tropeçar, ser afetado e afetar no caminho. Apesar do declínio dessa ideia, essa operação está naturalizada na forma de conhecer (método), e pensar em nós mesmos - aqui, os agentes da pesquisa (Najmanovich, 2022, p. 96).

A sobrevivência desses subterfúgios metódicos se deu - e dá - pelo alinhamento narrativo do pensamento da simplicidade ocidental com as instituições educacionais, que reforçam como critério de validação qualitativa do pensamento como a busca pela verdade através de respostas reducionista e universal da realidade.

O paradigma educacional vigente, unidimensional, unilateral e unicultural e encaixotado disciplinarmente, está articulado com o paradigma científico dominante, cujos pilares estão fundamentados na especialização, atomização e compartimentação dos conhecimentos (Moul; Barbosa 2018).

Se pretendemos tomar posição ativa e propositiva diante das respostas reducionistas, podemos e devemos nos utilizar do potencial formador da educação, pois “Há uma relação intrínseca entre a educação escolar e a formação da concepção de mundo dos indivíduos que está fundada em uma dada dimensão ontológica da realidade (Duarte, 2015 *apud* Lavoura; Martin, 2017 p. 534), e nela intervir de novas maneiras, acreditando que “o que define a educação não é o espaço físico em que ela se dá, mas a perspectiva histórica dos que a praticam” (Garcia, 1989, p. 40) deve ser considerada a priori na formulação teórica.

Criança que sabe! O lugar da infância na investigação-vida

As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como “naturais” e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as como um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez que ainda não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não veem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira (Eagleton *apud* hooks, 2013, p. 83).

Existe um desconforto muito antigo e persistente na forma tão concreta que os adultos enxergam e organizam a vida. É uma provocação da infância, minha criança ainda continua

inconformada com o que lhe informaram ser ou não ser a verdade, de que modo devo operá-la em vista de algumas consequências práticas: “Tem que ser feito desse jeito”. Nunca me responderam bem o porquê, eu nunca me conformei, mas desconfio muito.

Mediante o enrijecimento da verdade pela expansão do conhecimento científico ocidental, foi também alijada a discussão de modelos possíveis de compreensão, assim como modos de transmutá-los em razão de novas formas de saber. Li ontem que o nosso lobo frontal só termina o desenvolvimento pleno aos vinte e poucos anos, partindo dessa informação, na idade que tenho agora, deve ter algo ainda se formando dentro de mim, quem sabe mais a frente mude de ideia, mas até hoje tenho várias questões e - pasmem! Não estou sozinha ao questionar a verdade, bem como propor outra forma de investigação científica.

Quando se “adultece” esperamos nos convencer do caminho a seguir - ao menos foram feitas várias promessas nesse sentido. Mas bell hooks (2013, p. 83-86) me contou alguns dias também como teorizar na sua infância significava elaborar sobre o que acontecia, a partir das dores e mágoas ao ser interditada pela “adultecência”, ela foi buscar na teoria lugares diferentes de propor novas realidades e imaginar futuros possíveis que afastasse a descrença, colocou a teoria à serviço da prática, da cura e da vida pelo ato de criação, em conciliação da ação com o pensamento, com o acontecido e o que acontecerá.

Ao compreender a teorização como ato de imaginação indissociável da realidade, lembro dos primeiros textos das aulas de filosofia da graduação, especialmente de Duarte (1986, p.10-12) ao nos convidar a refletir sobre a água nas distintas possibilidades de ser entendida: como objeto científico do químico, uma fórmula molecular composta por três átomos de dois elementos químicos; para lavar as roupas por uma lavadeira; pelo caminhante com sede; do jardineiro que apaga o fogo do mato seco. Isso nos informa primariamente a qualidade polissêmica que uma “mesma coisa” pode assumir de acordo com a linguagem e o sistema de crença de quem vivencia, teoriza e comunica o que entende.

Sendo a linguagem invenção, isso quer dizer que envolve decisões, logo se desejo demonstrar a água na resposta científica, utilizo a escrita acadêmica; contar para alguém em uma conversa informal como lavo minhas roupas, utilizo a fala mais instrutiva e descontraída; se desejo dizer sobre a água pela fruição, instalo uma obra de arte interativa etc. Dependendo do lugar e poder exercido, fazemos escolhas orientadas. Já para as crianças, esses limites são mais longos ou inexistem, porque ainda não foram escolarizadas.

Por mais que mude a definição e função de algo, é sempre por intermédio da linguagem comunicada que é feita toda e qualquer expressão da realidade. Organizámo-nos na prática e dela teorizamos algo, que orienta um próprio rumo de agir e de pensar, intermitente, a vida se

elabora ininterruptamente nessa reflexão, assim como ciência se renova em fluxos, aprendemos formas diferentes de criar o que achávamos ser a verdade.

Outro exemplo que pode ilustrar o que digo está no filme “O Milagre de Anne Sullivan” (1962). A família de Hellen, uma menina surda e cega, não acredita ser possível que ela vivesse no mundo como é comum à maioria das pessoas que ouvem e enxergam. Foi preciso desenvolver uma expressão própria com acompanhamento da professora Anne Sullivan, a partir de uma linguagem específica para que fosse possível a comunicação de Hellen com o mundo, assim como o autoconhecimento da sua posição para navegar na estrutura social.

Em suma, gostaria de ficar com a infância, e convidá-las, as pessoas leitoras, a propor uma realidade orientada pela liberdade. Voltem no momento em que as imposições e instruções não nos tornaram ainda programadas a pensar. Nutram-se em argumentos plurais e complexos, busquem novas linguagens para repensar, construam novas conexões e formas de dialogar e de acessar a vida na sua complexidade. Acolham o inesperado!

Pensando muito [pensando] a complexidade

“Nossa experiência do mundo como seres perceptivos é muito complexa”

Denise Najmanovich

A epistemóloga - um nome jocoso para quem pensa sobre como conhecemos o mundo - responsável pela epígrafe deste capítulo a proferiu durante uma apresentação (Tedx, 2015), na ocasião defendeu a ideia de que não é possível entender o mundo como ele é, como se o mesmo fosse um reflexo do real, um estado onisciente a todas pessoas.

Podemos desconfiar até da cor, pois até ela depende de quem observa e das condições que observa, assim, o ponto de vista são os pontos de vista e o “contexto, a experiência, a imaginação e como nos treinam” são orientações de mundo e “perceber depende da história e do que esperamos ver”, nos aponta Denise. Ao ignorar acriticamente isso incorremos em escolher o valor hegemônico - a objetividade reducionista - invés da dinâmica vida, mais complexa do que uma afirmação isolada que se pretende absoluta.

Não queremos desenvolver uma cascata infinita de incertezas, produzir especulação e revisionismo do real, mas alimentar uma perspectiva mais ampla de perceber a realidade. Não acreditamos na pretensa neutralidade e a rigidez do que diz ser universal e verdadeiro para

defender uma estabilidade caduca, retrato da falência de sistemas de pensamentos objetivistas, positivistas e simplistas, sintoma da crise do conhecimento no mundo ocidental.

Essas provocações são inaugurais da teoria da complexidade, um conjunto de ideias e práticas na contramão do paradigma da simplificação proposto pelos cientistas brancos, europeus e modernos. Nesse “pensamento dinâmico, aberto, que reconhece o saber da ciência, reconhecendo também sua incompletude e busca associa-lo [sic] a diversas dimensões, camadas de saberes, sem ignorar os erros e a incerteza.” (Macêdo; Macêdo, 2023) sugere a atitude honesta de encarar nossa agência na pesquisa-vida.

Se compreendemos que “os indivíduos conhecem, pensam e agem conforme os paradigmas neles inscritos culturalmente” (Macêdo; Macêdo, 2023), conforme anunciado acima, a verdade universal é uma ideologia excludente, pois desconsidera a multiplicidade. Ao encontro disso, faço coro com a já gasta máxima de Paulo Freire quando nos afirma que “não existe imparcialidade, todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?”. Ainda precisamos refletir lentamente a respeito.

Tenho acolhido e entendido que a complexidade se aproxima melhor da base ideológica inclusa, assim como reconheço as resistências enfrentadas por novas propostas de pensar e agir, ao afastar-se das verdades rígidas e simplistas, encaramos o desafio da intermediação com os divergentes, o não óbvio. Comunicar sobre outro paradigma exige negociações como o que está estabelecido e predominante, dosar o tanto que é possível dissolver a estrutura sem perder o sentido de comum ao propor na margem mais alternativas.

Para tornar mais fácil nossa conversa, vou concordar com algumas afirmações pedagógicas, recuperadas no texto de Macêdo e Macêdo (2023) ao lerem o pensamento complexo presente na obra de Edgar Morin:

1. não é possível ter o conhecimento separado do sujeito que o constrói e isso é válido tanto para a produção do conhecimento quanto para o entendimento.
2. devemos superar a questão da verdade do conhecimento científico [...], por um pensamento integrador, que pode acolher novos conceitos e ideias na construção do saber.
3. [...] reconhecer suas limitações [do saber] quando este se apresentar de forma isolada, em disciplinas fechadas, e buscar trabalhar o saber de forma inter e trans disciplinar, religando o conhecimento disperso em disciplinas, na busca de novos entendimentos, assim como criar um saber mais condizente com o real, complexo.

Não se perca de vista ao falar de transdisciplinaridade, que estamos na interpretação da interatividade entre saberes e não do sincretismo entre eles (Iribarry, 2003). A resposta sincrética me soa como proposta de universalizar mais uma vez. Desse modo, encontrar denominador comum no diálogo não significa necessariamente uniformizar a resposta, mas sim a convivência de pontos de vista, sem que se isolem e se antagonizem para coexistirem.

Ainda na posição de cientista, o lugar de um projeto transdisciplinar nas afirmações acima é para revisão dos paradigmas universitários, como Camus (2001 *apud* Iribarry, 2003) alerta a urgência de “pesquisa em epistemologia da transdisciplinaridade”. Assim como todos esses subsídios abrem a porteira da Universidade para as cosmopercepções afro-brasileiras que tensionam a segregação e complexificam a realidade em outras formas de posicionar os valores que orientam os objetivos e os percursos metodológicos na ciência.

O que está na roda é a superação do *modus operandi* do compartimentar, e, para tal, preconizo reconciliar o que se separou: as ciências e as artes, a poesia e a experiência espiritual (Carvalho; Steil, 2012), reconhecer a sensibilidade, os significados éticos nas maneiras de pensar e viver no mundo a partir da reintegração da dualidade do conhecimento (White, 1989 *apud* Kozel, 2012, p. 66) como estratégia ancestral de gingar para desviar do empobrecimento do saber no tempo de escassez dos modos de viver.

Ao propor e adotar o termo complexidade, estou informando que a abundância de saberes é possível para inferir sobre objetos ou processos estudados, sem que necessariamente superficialize a análise, mesmo que em prejuízo da especialização do saber - outra crítica a se fazer. Alerto ao perigo da objetividade hierárquica reforçada entre saberes e a oposição entre razão e emoção pelo cogito cartesiano (Souza, 2023).

A complexidade, por extensão de sentido semântico, não é novidade para o campo da museologia, devido a presença do termo interdisciplinaridade e a relação com outras áreas de atuações e conhecimentos emergindo nos debates conceituais e da prática de museologia, a partir da segunda metade do século XX, no âmbito dos encontros e publicações do ICOFOM⁵, especialmente a transição das décadas de 1970 e 1980, onde o termo é incontornável nas diversas tentativas de estabelecer os limites da pesquisa e atuação científica ou técnica da museologia nos museus (Cury, 2020, p. 130).

⁵ O Comitê Internacional para Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (Icom) promoveu diversos encontros e publicações discutindo a necessidade de uma teoria museológica para formulação de um campo científico. Em diversos encontros a temática da interdisciplina se faz presente.

O projeto de mundo é outro na cosmopercepção afro-indígena

“Nós vemos o mundo hoje a partir de uma cosmovisão ocidental. [...] A ela está associada uma maneira de fazer as coisas. Se mudarmos essa cosmovisão, essa maneira de pensar, sentir e conhecer o mundo, a maneira de trabalhar, de pesquisar e de conhecer também mudará.”, por Jean Bosco Kakozi.⁶

A epígrafe dessa gira⁷ nos oferece a constatação que venho fortalecendo de que pensar e produzir conhecimento depende da forma como fomos ensinados a ver, ler, sentir e interpretar as coisas ao nosso redor, conforme já apontei no capítulo anterior. E nas páginas a seguir apresentarei parte da minha trajetória em um percurso metodológico autorreferente.

É preciso destacar que a maior parte da minha formação universitária foi marcada pela incompreensão. O descompromisso que observei com uma vontade de transformação da realidade na sala de aula, na administração e no círculo acadêmico mobilizou minha vontade. Com o tempo, principalmente extra universitário, ferramentas chegam para dar nome, posição e a implicação dessa desmobilização que tanto me incomoda na Academia.

Existem verdades e formas que permanecem, pois são primordialmente impostas. Passamos a entendê-las como o “normal”, são corroboradas por normas e, em última instância, estabelecem-se como a realidade. É por um conjunto de instituições como a escola, a universidade e os museus que os tentáculos da educação capitalizada, dia após dia, incutem-se a naturalizar pelo reforço do paradigma eurocêntrico nos processos científicos.

Afirmo a posição da museologia como uma ciência social aplicada (Bruno, 2015, p. 5) em curso, apesar do desenvolvimento precário oferecido na minha experiência de graduação para a compreensão e análise macro social, auxiliada por instrumentos específicos para correlacionar as teorias sociais constitutivas do campo das ciências sociais. Em substituição, nossa percepção científica de pessoas graduandas foi constantemente orientada por uma pedagogia hegemônica da decadência da filosofia burguesa moderna que privilegia a supressão da dimensão ontológica por um racionalismo formal ou o subjetivismo aparente à dimensão fenomenológica (Duarte, 2018) na compreensão do fenômeno museal.

Não estenderei os argumentos de análises sobre a pedagogia histórico-crítica, mas é importante ressaltar que escapar da processualidade material-histórica é ignorar a expressão da dominação na produção e ensino do conhecimento. Buscando atenuar essa lacuna no

⁶ Entrevista concedida ao site de notícias independentes Sul21, em 2018. Consultar referências.

⁷ Deriva de *njila*, do quimbundo, é a tradução de "caminho", língua do grupo etnolinguístico Bantu, predominante nos atuais países da África subsaariana.

trabalho, ressalto a estrutura a partir da categoria de colonialidade e do racismo de forma mais abreviada do que habituo fazer, mas dedico que foi possível desenvolver nos capítulos seguintes, partindo da compreensão de educação alinhada para além dos modelos hegemônicos ocidentais de conhecer, aponto a definição crítica e dialética de ensino.

Certamente não será o modelo de ensino por transmissão do conhecimento como um ornamento cultural para legitimar uma determinada posição social de exclusão da maioria que propiciará a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade científica e tecnológica. Nem seriam também livros didáticos - sobrecarregados de conteúdos e socioculturalmente descontextualizados, que apenas ilustram as maravilhas das descobertas científicas, reforçando a concepção de que os valores humanos estão a reboque dos valores de mercado - que iriam contribuir para a formação de cidadãos críticos (Santos, 2007, p. 488).

Diante já exposto, é evidente que ser e pensar interdepende das relações estruturais da colonialidade do poder, sobretudo a partir da reconfiguração do capitalismo mundial.

[...] a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” [nos] modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (Quijano, 2005, p. 121).

Tal concentração brutal de poder sobre as diversas dimensões da vida social, foi sustentada no ideal de superioridade que os europeus brancos criaram o conto da civilização normativa, sujeita às suas próprias regras inventadas à sua vontade, interesses e compulsória ao “azar” daqueles que eles “encontraram” para dominar, explorar e expropriar.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2019, p. 9).

Ademais, o que o encontro forçado pelo tráfico transatlântico de negros escravizados pode criar na diáspora, mesmo após uma dissimulada abolição da escravidão, ainda é matéria investigativa na desigualdade racial, econômica e cultural que assola o Brasil. Continuamos a estudar os efeitos do racismo no cotidiano, pois ele é persistente e adaptável.

Desprezar a influência do processo de colonização europeu levado às suas últimas consequências e atualmente com o neoimperialismo, nos discursos e práticas científicas museológicas não é ledão engano, é um projeto. Assim como o racismo que se reorganiza no tempo-espaco não se trata de mera disfunção social, mas parte integrante da estrutura social (Almeida, 2018, p. 38). É evidente nos dados da desigualdade racial (IBGE, 2019), ao tão

corriqueiro racismo recreativo nas conversas, que tomam de assalto das pessoas não brancas a oportunidade de normalidade de projeto de mundo além da miséria, dor e da morte.

Frente às diversas violações, não é impossível restringir a chaga do projeto civilizatório moderno europeu como a única possibilidade de viver e pensar hoje, tratando-se da multiplicidade de mundos que existem e operam as mais diversas lógicas e condições materiais, resta-nos uma atitude de perseguir novos ideais, frente ao desafio de reorientar nossa percepção às reações contracoloniais que povos negros e indígenas tem efetivado há séculos de luta, organização e produção em forma de resistência cultural viva.

Estamos cansados de saber que nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles.

E o que fica? É a impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla se dá o nome de sexismo, racismo e elitismo (Gonzalez, 1982).

É conclusivo que a museologia tem responsabilidade nas implicações sociopolíticas, portanto, deve nos inspirar percorrer o desafio de repensar a posição estratégica de fazer ciência para mudança das formas que não interessam ao bem viver da vida, pois:

[...] sabemos que ‘fazer melhor’ aquilo que estamos acostumados a fazer não bastará para aprender o que precisamos. Temos de desaprender a resignação mais ou menos cínica (realista) e nos tornar novamente sensíveis ao que talvez saibamos, mas de uma maneira anestesiada (Stengers, 2023).

Valores e referências para educar ou melhor fazer científico na Museologia

Ao redescobrirmos **os valores civilizatórios afro-brasileiros, podemos compreender que** vivemos embates terríveis, sociais e históricos, determinados pelo racismo; perceber que não estamos condenados a um mundo euro-norte-centrado, a um mundo masculino, branco, burguês, monoteísta, heterossexual, hierarquizado.... **Outros modos de ser, fazer, brincar e interagir existem** (Trindade *apud* Silva, 2020, p. 47, grifos próprios).

Foi preciso aprender a começar muitas vezes, até chegar aqui. A experiência do negro na afrodíaspóra é uma experiência de recomeço, diante das feridas que não se apagam, como a “memória não se remove”⁸ dos nossos corpos e almas, mesmo quando desaparecem na consciência, elas só se organizam resistentes a todo tipo de ameaça de apagamento. Essa é a função da memória-ancestralidade: lembrar-nos de quem somos/fomos/seremos.

Leda Maria Martins, importantíssima intelectual negra, informa-nos através do termo Oralitura, que o corpo e sua expressão performática indicam traços residuais de memória e da

⁸ Frase cunhada na criação do Museu das Remoções, museu de território resultado do desejo de preservar a memória e história das pessoas removidas da Vila Autódromo e de ser instrumento de luta para todas as pessoas sob ameaça de remoção (Museu das remoções, 2022, p. 4).

cultura africana que inscrevem saberes, conceitos, visões de mundo e estilos, desse modo, na experiência particular da diáspora africana no Brasil, a cultura é comunicada pelo e no corpo em movimento, emergindo novas formas e expressões na espacialidade descontínua e na temporalidade que flui esse saberes-corpos (Martins, 2002 p. 87-88).

As noções de tempo linear, bem como o espaço contínuo que são herdados dos saberes retilíneos são dissolvidas na análise de Leda ao constatar a sobrevivência africana se reorganizando, nos atos somáticos, no movimento produtor de novas performances, a exemplo dos Congados. A ideia do corpo como ponto de acesso da memória afro-brasileira me motiva a investigar o ressurgimento desses saberes e suas possíveis ativações.

[...] a África e seus descendentes, imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se construíram e se constituem em um processo histórico, social e cultural (Trindade, 2006 *apud* Silva, 2020 p. 49).

São os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (VCAB), um conjunto de saberes internalizados, “inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração” (Trindade, 2005, *apud* Silva, 2020, p. 49), consciente ou não no pensamento e comportamento da sociedade brasileira, proveniente das matrizes de conhecimentos dos povos negros africanos em diáspora e indígenas brasileiros, os donos da terra.

Há mais de duas décadas, os VCAB são empregados no contexto educacional, inclusive nas políticas públicas, servindo de metodologia educacional, especialmente, após a sanção da lei federal 10.639/03, lei essa que se fortaleceu da vida de militância em defesa da educação da pesquisadora e educadora Azoilda Loreto Trindade (Silva, 2020, p. 29).

Apesar da proximidade com contexto escolar, sobretudo na educação infantil, onde atuou a generosa Azoilda, os VCAB não são exclusivos da educação inicial, isto porque a sua capacidade de acolher e respeitar todas as subjetividades, de ampliar o repertório de novas histórias e memórias, inserir novos intelectuais e conhecimentos plurais de locais, etnias e religiões alimentam a diversidade cultural que deve se fazer presente nas instituições de ensino e nos movimentos sociais (Silva, 2020, p. 48), inclusive em diálogo entre esses dois últimos, pois a educação não deve estar dissociada da defesa dos princípios, garantias e direitos fundamentais da nossa Constituição Federal (Brasil, 1988).

Podemos interpretar os VCAB como marcadores das permanentes contribuições civilizatórias dos afro-brasileiros, apesar do persistente racismo estrutural, eles constituem as

identidades coletivas que forjam ações características nas mais diversas esferas da vida social. A saber, são dez descritos por Azoilda: a Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (energia vital), Corporeidade, Ludicidade e a Circularidade (Silva, 2020, 47-49).

O valor que entendo central para nossa pesquisa e para as ações museológica contemporâneas⁹, assim como sua articulação com os demais valores, é o valor da Memória, a partir dele é possível disparar diversas questões como já apontada por Martins (2002), Silva (2020) e Trindade (2006) da participação da memória no processo de reorganização que faz emergir a herança africana. Encontra sintonia no conceito de “autorrecuperação” de bell hooks (2013) que reflete o resgate da nossa história e da nossa voz negra.

[...] Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos. Nos opomos a essa violação, a essa desumanização, quando buscamos a autorrecuperação, quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar a nossa história. Esse processo de autorrecuperação permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação (hooks, 2019, p. 78 *apud* Almeida, 2021).

A memória nos ajuda a recompor nossa voz, permite-nos continuar contando nossas histórias. Ao acessá-la na dimensão individual recompomos a experiência coletiva, em busca do sentimento de reconhecimento às referências culturais afro-brasileiras que latentes em nós pulsam e urgem para emergir (Trindade, 2005, p. 19) do íntimo dos nossos corpos.

Lançar mão dessas dimensões nos espaços acadêmicos, navegando na fronteira de todo o restante do mundo, é buscar a interseção o desejo que ela produza o diferencial para uma ação criativa, colaborativa e dialógica com os saberes que nos ajudem a pavimentar a construção de caminhos experimentais, caminhos esses de pesquisa que nos impulsiona a sair das valas que a humanidade se encontra hoje.

Algumas ideias sobre Museologia

Com gana e honestidade de anos dedicados a elaborar e ser elaborada, de aplicar e ser aplicada na educação, na política e na museologia, constato que há muitas formas de definir a museologia, isso demarca para quem e com quem conversamos. Sabendo disso, indicarei os percursos que julgo os mais adequados à pesquisa-vida que proponho.

⁹ Bruno (2015, p. 1) destaca que “[...] as ações museológicas têm buscado sistematicamente a problematização sobre as infinitas implicações da memória, nos territórios individuais e coletivos, que sustentam as nossas inflexões pessoais e existenciais e interagem com a nossa inserção no coletivo e no social do mundo contemporâneo.

Com o quê orientar a nossa prática? Se acreditamos no potencial emancipador das ideias que elaboramos na museologia, elas precisam ser populares, significadas a partir de encontros, ensinadas, aprendidas e compartilhadas com toda gente que possam se beneficiar, nutrir e se contagiar com o conhecimento. Sendo assim, pesquisa que não pensa a agência para ser multiplicadora e agregadora de saberes e pessoas não me interessa.

O contato com conhecimentos de várias origens distintas pode representar um ganho quando conjugado para o desenvolvimento da atividade primordial que ancora todas as dimensões que se entende por museologia: a musealização. Apesar dos riscos associados à pulverização da unidade conceitual que conforma uma disciplina científica.

Não por acaso, o objeto da formação educativa que proponho é a própria musealização, ela é fruto da tentativa de exercitar a meta museologia que admite os VCAB como caminho a se percorrer a complexidade como combustível que nos faz avançar na compreensão da musealização como motor gerador da ótica museológica (Chagas, 2006) presente em cada um de nós, museólogos ou não, o desejo de musealizar que nos é valioso.

As contribuições práticas da educação no desenvolvimento da visão crítica de mundo são amplamente reconhecíveis, bem como já citado em Duarte (2015 *apud* Lavoura; Martin, 2017 p. 534) mesmo que tão pouco possa ela transformar a realidade, ela tem um papel prático mais importante nossa utopia de futuro, ela modifica as pessoas, assim afirmou nosso patrono da educação Paulo Freire, que são as pessoas que transformam o mundo.

Ainda perseguindo Freire, reafirmo a inexistência da imparcialidade discursiva, existe sempre base ideológica, aqui opto por uma inclusiva. Pois, se acreditamos fazer, pensar e viver melhor, é com as pessoas que devemos começar a direcionar nossa atenção para repensar estruturalmente o conhecimento da museologia, dentro e fora da Universidade, que aponte além da apropriação do museu, já que há “a possibilidade de existência de museus sem museologia e museologia sem museus” (Scheiner, 2005, p. 100), mas nunca sem a presença das pessoas, profissionais, cientistas e *constituents*¹⁰.

Retomo ao potencial mobilizador da educação indagado a sua contribuição para popularizar a museologia, em interface com VCAB, como veículo para outro regime de valor que ative novas qualidades nos agentes da musealização, acionadas pela troca, criatividade e pelo corpo, catalisada pela mediação de práticas para um aprendizado mais dinâmico e integrado às inteligências e competências que dispomos na afrodíaspóra. Não fui a primeira a

¹⁰ Ao discorrer sobre os agentes envolvidos na curadoria, por contribuírem com a musealidade, Xavier Cury (2020, p. 139-140) cita Weslh (1988) que define “de quem se fala no museu, os integrantes das culturas relacionadas ao museu” de *constituents*.

estabelecer associação. Em recentes investigações já se indica positivamente esse consórcio da gestualidade corporal (teatro) para educação e divulgação de ciências (Almeida et al, 2018), poderíamos nos nutrir desta vocação para repensar a museologia?

A museologia pode oferecer subsídios transdisciplinares? Expandindo os limites disciplinares para processos educacionais mais dinâmicos, criativos, colaborativos e corporais nos espaços de ensino acadêmico e fora dele? Certamente, a resposta exige diversas articulações “para fora”, principalmente, uma postura engajada ao compreender a processualidade da passagem do tempo, das transformações das finalidades de certos regimes axiológicos... Fundamentalmente nos perguntar: “que é afinal a museologia?”.

Ora, inicialmente, a museologia foi associada à organização dos museus ou ao estudo das coleções e seus objetos, depois compreendendo as relações específicas da interação homem-objeto em determinado contexto (Britto, 2021, p. 11). A museologia foi se transformando, à medida que foi questionada enquanto disciplina, arte ou prática (Chagas, 1994, p.7). Na escolha da primeira opção, o dilema se constituiria na forma específica e sistematizada de organizar o conhecimento, na segunda uma forma de expressão humana com vocação poética, na terceira um conjunto de ações e procedimentos técnicos. Pode ser a museologia o encontro dessas três vocações?

Seja qual for a pergunta sobre o estatuto científico da museologia nos aproximamos necessariamente da teoria de Stránský. Seus esforços iniciais, mas certamente a sua preocupação científica, mesmo não sendo o primeiro a defendê-la como ciência, irá propor um rompimento da perspectiva de pensamento alimentado até a década 1970, de que a museologia se dedicaria a investigar a missão e a organização dos museus (Brulon, 2018, p. 193). Ao deslocar a atenção do museu para si mesma, a proposta inicial de Stránský é que o objeto de estudo da disciplina científica de museologia deve ser procurado na investigação do caráter museal dos objetos de museu (museália) - a musealidade. Associando a prática e técnica museal, mas sem reduzir o museu a seu objeto de estudo (Brulon, 2017, p. 410).

Não perdemos de vista o trabalho em museu na investigação, mas, a partir da teorização do conhecimento dessa prática, uma disciplina exige além do próprio objeto dessa teoria para ser compreendida como ciência. Dito de outra forma, a museologia científica não pode se restringir a elaborar hermeticamente sem alimentação filosófica, gnosiológica e lógica que não são “naturais” e próprias do campo (Stránský, 2017, p. 18-19).

O que muitos terão dificuldade de compreender na trajetória da teoria strankiana e aprofundada nos debates regionais na América Latina¹¹ é a maturidade do seu pensamento ao considerar que o objeto da museologia é um processo social que acontece no museu, essa ação de modificação axiológica, do regime de valor, do objeto chamada de musealização, à nova realidade, dita museológica (Brulon, 2018, p. 202). Temos então a tríade conceitual: **museália**, **musealidade**, e, ao valorizar o processo busca empréstimo do termo **musealização**, para então concluir que o objeto da museologia passa pela motivação do processo que estabelece ou não a musealidade de uma museália (Brulon, 2017, p. 413).

Assim, a Museologia não é restrita ao museu, melhor dito: a um modelo específico, ela está em fluxo como processo, sobretudo no contemporâneo com o alargamento das definições de museu e museologias, tensionando a musealização com outras finalidades não objetivistas e simplificadoras de um modelo de ciência que o método precede o processo.

Quando se adota a compreensão de que “A pesquisa museológica, portanto, antecede o museu, assim como existe para além dele, do mesmo modo que a musealização não se limita aos perímetros – conceituais e físicos – dessa instituição social [...]” (Brulon, 2018, p. 204), é com a necessidade de “redirecionar o foco da museologia, e passar a olhar para a ação produzida na musealização” (Brulon, 2018, p. 207), o que não significa relegar o museu, mais uma vez, mas destacar uma postura específica e viável ao sistema teórico científico, já que a instituição museu não poderia configurar-se objeto de uma ciência.

Não é propósito deste trabalho esmiuçar as interpretações tão polifônicas de museu e museologia, tanto quanto não é possível aprofundar o estudo metamuseológico. Vamos investir na relação e potencial educativo da concepção de musealização, a partir do regime de valor e referenciais afro-brasileiros. Portanto é importante alimentar teoricamente a categoria em destaque para esse estudo.

Todo tipo de parafernália para viver bem o mundo que se quer

A Rede Museologia Kilombola, conhecida como Rede ou RMK, sua sigla, é uma articulação nacional de estudantes, profissionais e pesquisadores negros da museologia e dos museus. Hoje, ela é composta por uma pluralidade de pessoas negras, quilombolas e não quilombolas, vivendo em áreas urbanas e rurais¹². Foi fundada em 2019 por estudantes

¹¹ “O primeiro encontro regional do ICOFOM LAM (1992) assumiria de modo integral uma das propostas strankianas a do fenômeno museu - expressa no documento final do evento [...]” (Scheiner, 2017, p. 63)

¹² As páginas oficiais da Rede estão sitiadas online na rede social Instagram e no *site* do Conselho Internacional de Museus Brasil. Cf. <<https://www.icom.org.br/rede-Museologia-kilombola/>>

quilombolas que, ao adentrarem no espaço universitário da Museologia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), se chocaram com a marginalização e a violência do racismo institucional, vivenciados naquela instituição, sobre os corpos e saberes negros. Contrapondo-se ao projeto hegemônico branco eurocêntrico, decidem por construir uma articulação afrocentrada para uma nova epistemologia contracolonial da Museologia.

A atuação da Rede consiste em acolhimento, aquilombamento e sobrevivência material e simbólica de pessoas negras e, para tal, promove eventos, palestras, consultoria, pesquisa e construções de cunho antirracista nos ambientes acadêmicos e nos espaços culturais, museológicos e da memória¹³. A RMK tem como patrono Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nego Bispo, lavrador, liderança e pensador quilombola, formado por mestres e mestras de ofício, oriundo do quilombo Saco-Curtume (PI).

“Preciso agora me localizar em algumas experiências vividas, e espero que cada um também se localize de forma parecida” (Santos, 2015, p. 81, grifo próprio).

Eu fui convidada por Marina Pinheiro, egressa do curso de Museologia da UNIRIO, em meados de 2020 para integrar a RMK. Tínhamos em comum a participação no grupo de pesquisa Museologia Experimental e Imagem (MEI), coordenado pelo professor Bruno Brulon. Recebi e aceitei com grande entusiasmo integrar a Rede, comecei a participar assiduamente das reuniões internas. A ideia de me conectar com estudantes de todo país, conhecendo mais como estavam se formando era ótima, sobretudo para confrontar o que pensamos que sabemos no Rio e que não nos permitimos aprender com o restante dos cursos, mesmo que não tão antigos quanto a 1ª escola de Museologia da América¹⁴.

Em muitas oportunidades a troca de experiências nos encontros podiam durar até oito horas a fio de debates, acolhimentos, organização e gestão de um projeto inovador na Museologia e, portanto, assediado tanto por grandes colaboradores e parceiros de construção efetiva, quanto daqueles que encenam aliança querendo um “quê decolonial”, que supostamente oferecemos, diante de um apagão de projetos nacionais liderados por estudantes e profissionais negros para uma Museologia afrodiaspórica e antirracista.

As ações no tempo deram o tom, apesar de toda contradição que não se pode livrar-se, acreditando que o itinerário histórico compõe a complexidade do que se pretende construir, abraçar os erros, os desvios e o percurso é a resposta honesta para afirmar que não temos as

¹³ Informações parcialmente extraídas da apresentação “Palavras em Rede” e “Mapa em Rede” da 13ª ed. da revista Memória LGBT. Cf. ANEXO B

¹⁴ A Escola de Museologia hoje na UNIRIO, é considerada a mais antiga das Américas, datando 1932 a criação do curso de museus. Cf. <https://www.unirio.br/cch/museologia/pesquisa>

soluções para séculos de opressão e colonização, mas em pouco mais de 5 anos de vida, a Rede se colocou disponível para o que podia ser feito hoje diante do racismo.

A pesquisa começa no chão

O percurso dessa escrita não é uma obra do acaso, embora não seja fácil traçar a sequência - sequer que exista - de fatos determinantes para a formação, pois requer atitude investigativa e narrativa da minha memória e suas contradições, a própria investigação-vida.

O ano era 2022 quando retornamos a uma realidade fora das nossas casas após longos e sofridos anos de confinamento, morte, pânico e tortura política nos crimes cometidos contra a humanidade (Chadé, 2022) pelo presidente do Brasil que governou o país entre os anos de 2019 a 2022, por conta da pandemia do SARS-COVID 19. Se por um lado vidas foram ceifadas, as que sobreviveram tinham também pulsão do que foi represado nesse período macabro. Em mim, surgiu com um evento avassalador, junto da preocupação em se movimentar o mais rápido possível para compensar o quase fim do mundo vivido.

Um ano depois, comecei a estagiar em um projeto de visitas educativas em museus, realizando mediação de turmas de crianças e adolescentes de escolas públicas e filantrópicas com os setores educativos de diversos museus nacionais e internacionais.¹⁵

Nessa oportunidade conheci Allef Almeida, um amigo e profissional que estimo muito pela incansável disposição de mergulhar profundamente na educação crítica. Trabalhamos com um pouco mais de quinze instituições museais, elaborando atividades de pré-visitação, visitação, facilitação, desenvolvendo jogos e objetos mediadores para visitas de formato presencial, virtual, híbrido e recursos de óculos de realidade virtual.

Foram dias de muito aprendizado com troca em horas ininterruptas de dedicação, dialogando com tantos educadores museais, professoras e estudantes, buscando denominadores em comum para estabelecer trocas de experiências significativas. Destaco essa minha experiência de aprendizado e abertura com o trabalho de educativos de museus.

Foi enquanto estávamos trabalhando juntos, eu e Allef, que fomos aceitos na turma do curso de mediação do Museu de Arte do Rio (MAR), o que na época poderia se dizer ser o

¹⁵ Tive oportunidade de desenvolver atividades de mediação para os Museu de Arte do Rio (MAR), Museu de Arte Moderna do Rio (MAM RJ), Museu Histórico Nacional (MHN), Jardim Botânico, Museu do Amanhã, Museu Aeroespacial (MUSAL), Museu da Vida, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP), Museu AfroBrasil Emanuel Araújo, Museo de Arte Latinoamericana de Buenos Aires (MALBA ARG), *Metropolitan Museum (EUA)*, *Bronx Zoo (EUA)*, *Albany Institute of History and Arte (EUA)*, *Nacional air and space museum Smithsonian Institution (EUA)*, *Pacific Museum of Earth (CAN)*, Museu Benfica Cosme Damião (PT), Tate modern (UK) Musée du Louvre (FR).

curso mais cobiçado de mediação da cidade. O título dessa edição foi “O chão que pisamos: reimaginando os territórios da mediação cultural”. Entre muitos relatos de amigas, que me prometeram a mais absoluta dedicação por se tratar de uma experiência única, somada à promessa de que muitos do que cursaram se empregavam rapidamente. Lembro de toda a empolgação ao recebermos o *e-mail* de aceite e da possibilidade de estar na presença de educadores que tanto respeitamos o trabalho, especialmente o realizado na Escola do Olhar¹⁶. Muita coisa aconteceu naquelas duas semanas de curso, como quem nada em um rio de águas revitalizadoras. Reuni o desejo de pôr em prática uma mediação reconhecendo a complexidade dos limites pedagógicos, na face artística à científica, perspectivas que venho desenvolvendo nos espaços que eu transito enquanto educadora, artista e pesquisadora.

O que foi batizado como Atelier Educativo pela Escola do Olhar, foi expresso na programação do curso da seguinte forma: pela manhã falas inspiradoras em rodas de conversa com pessoas convidadas; e pela tarde colocarmos a mão na massa para materializar ações e produtos a partir dos nossos repertórios de ações de mediação, sob orientação dos educadores do Atelier e dos educadores convidados que compuseram aquela edição.

A maturação dessas perspectivas educativas acabou por se consolidar fora da graduação de Museologia, pois a falta de projeto ou iniciativa no curso com foco exclusivo em mediação cultural crítica e educação museal faz com que os estudantes busquem fortalecer seu interesse em outros lugares. Por isso, mantive, concomitante, por um ano vínculo com o Laboratório Didático de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LADQUIM/UFRJ), desempenhando atividades de extensão e pesquisa em popularização e ensino de ciências. Nesse tempo tive amplas oportunidades de instrução de referencial teórico e de prática de ensino de ciências na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

Duas semanas após o fim do curso do MAR, minhas malas já estavam prontas para seguir direto a Ouro Preto para o 13º Encontro Nacional de Estudantes de Museologia - XIII ENEMU. Encontro esse que foi adiado por anos devido a pandemia e outros entraves na organização interna da edição, que já seria histórica, pois era a primeira após a pandemia - agora em um governo dito progressista que convocou o povo e os setores culturais a se unirem para reconstruir o Brasil¹⁷ após o buraco deixado na administração pública, assim como nos corações enlutados pelo antecessor da terceira gestão do presidente Lula.

¹⁶ O setor responsável pelo educativo e atividades formativas do Museu de Arte do Rio.

¹⁷ Portaria SECOM Nº 8.136 estabeleceu o manual de uso de marca do governo geral sobre o slogan “Brasil: união e reconstrução”.

A RMK recebeu da organização do ENEMU a proposta de compor a programação do Encontro com uma palestra, a se realizar no dia 27 de julho de 2023 (ANEXO A). Foi através da articulação da amiga e companheira da RMK, Inah Irenam, vice-presidente do ENEMU, que é transmitida a importância de nos fazer presente, então acolhemos o convite.

Eu que em mais de uma ocasião estive incumbida de apresentar publicamente a RMK¹⁸, vinha pensando a validade desse modo de comunicar linear, diretivo e reto das palestras, mesas-redondas, *webinário* e muito dessa parafernália virtual agravada na pandemia à qual fomos obrigadas a se adaptar. Quando a linguagem escrita e falada no academicismo é excludente, ela coaduna com a nossa perspectiva kilombola? Vamos partir da perspectiva bancária¹⁹ de compartilhar conhecimento para divulgar a RMK?

Na ocasião com as preocupações acima, proponho subverter o convite de apresentar uma palestra para então pensar uma formação, fugindo do sentido de oficina, enquanto treinamento de competências específicas, para buscar no espaço de sensibilização experimental um caminho. Seria a primeira ação educativa para público externo²⁰, após o acumulado de 4 anos de existência da RMK, propusemos a pergunta: o que se pode produzir de ação criativa na intenção de dizer a que Museologia viemos defender no mundo?

A proposta conceitual da formação foi iniciada no Rio de Janeiro e finalizada em Ouro Preto, reunimo-nos presencialmente na véspera eu, Silvia Pantoja, Andressa Batista e Inah Irenam para detalhar o funcionamento do que Andressa apelidou, de Paleforme²¹.

No resumo da proposta foi oferecido como objetivo que a formação propusesse “ativações multissensoriais nos participantes para pensar/agir uma Museologia kilombola”. A preocupação em encontrar formas alternativas de acionar a apresentação da Museologia, que não consistisse estritamente na transmissão exaustiva de informações, o que nos foi ensinado academicamente nas salas da universidade, mas preservando aspectos conceituais como, também, operar o conceito de musealização a partir da memória das participantes.

¹⁸ Destaco a apresentação “Palavras em Rede” da 13ª edição especial da Revista Memória LGBT (2021), desenvolvida em parceria com a RMK [ANEXO B], assim como a apresentação presencial, no dia 07 novembro de 2022, na ocasião do nosso 1º encontro nacional durante a programação do 12º Encontro Paulista de Museus - EPM.

¹⁹ “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 1987).

²⁰ Havia uma vontade de alguns setores da RMK em construir ações educativas com finalidade antirracista que pudessem ser oferecidos às instituições culturais e pessoas interessadas em Museologia.

²¹ Como o convite foi para uma palestra e apresentamos uma formação, o neologismo criado junta as duas palavras.

Com duração de 1 hora e 30 minutos, após muitas tentativas de reduzir ao máximo e otimizar as etapas para não tornar cansativa e longa a formação, justamente por ser a primeira formação da Rede a expectativa foi tornar os passos instrutivos e intuitivos sem comprometer uma resposta espontânea das pessoas participantes. Um cronograma das etapas foi fundamental ao estabelecer o ritmo entre os passos que envolvessem as participantes do início ao fim da atividade, permitindo a imersão na proposta sem indevidas distrações.

Imagem 1 - Reunião de planejamento da Paleforme



Da esquerda para a direita Inah Irenam, Silvia Pantoja e Andressa Baptista

fonte: acervo pessoal, fotógrafa: Inah Irenam, 2023

O funcionamento da primeira aplicação da formação foi estruturado em quatro etapas: [1] Apresentação, [2] Ativação “quando foi a primeira vez que você musealizou?”, [3] Comunicação diretiva Linear e [4] Musealizando uma percepção.

Na primeira etapa são apresentadas pessoas mediadoras (os seus nomes e pronomes, local que vieram e sua trajetória), a RMK (quando surgiu, as pessoas que tem construído e com qual objetivo), e a atividade (suas etapas sequenciais, recomendando aos participantes concentração, observação e introspecção do seu corpo).

Na segunda etapa uma grande roda é feita e a partir dela uma espiral é formada. Os participantes são convidados a se sentarem no chão na mesma posição de espiral inicial, no centro é posicionada uma caixa de som, em seguida um exercício de respiração com olhos fechados é orientado. Nesse momento um tecido branco é estendido sobre a cabeça dos

participantes que os cobrem ao mesmo tempo que é acionado um áudio guia (áudio mediação)²² de cerca de treze minutos. Durante o período do áudio, água de cheiro e lavanda são borrifadas no tecido e perguntas disparadoras são ditas pela mediação para incitar imagens sobre as sensações da experiência.

“Quando foi a primeira vez que você musealizou algo?”

“Que forma tinha?”

“Por que isso e não todas as outras coisas?”

“Quem te disse que você podia fazer?”

Imagem 2 - Mediação durante a formação em Ouro Preto

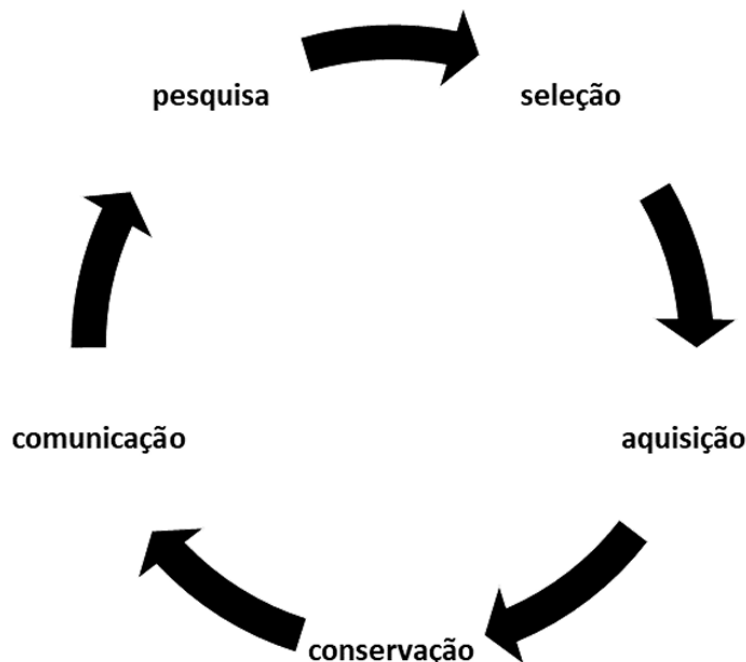


Fonte: acervo pessoal, fotógrafa: Carolina Rocha, 2023

Com o fim do áudio, o tecido é retirado de uma vez só e as participantes são convidadas a se levantarem quando se sentirem preparadas para tal. Quando a última pessoa levanta inicia a [3] etapa de comunicação Diretiva Linear. É apresentada a ideia da musealização a partir da perspectiva da pesquisa museológica “como aquela voltada para o estudo teórico e experimental da cadeia integrada da musealização” (Brulon, 2018, p. 189).

²² Remixei com diversas músicas, sons e áudio mediação uma composição sonora com intenção de provocar o relaxamento, a criatividade e a introspecção nos participantes.

Figura 1 - Cadeia retroalimentar da musealização



Fonte: Brulon (2018, p. 199)

Na segunda oportunidade da aplicação da formação, no mesmo ano de 2023, alguns meses mais tarde, no dia 19 de outubro, durante a Semana de Integração Acadêmica (SIA) da UNIRIO, foi apresentado um esquema visual (Imagens 3, 4, 5 e 6)²³ projetado com a finalidade didática, inspirado na proposição de “sistema confluyente museológico”, em substituição a noção de aprisionamento do termo “cadeia operatória museológica”, é conjugada a noção de Confluência de Antonio Bispo dos Santos ao sistema de processos “científicos das funções museais” proposta conceitual desenvolvida pela doutoranda, amiga e companheira de Rede, Silvia Raquel de Souza Pantoja (2022, p. 37) em seu mestrado em Museologia.

²³ Apesar da alusão a morfologia do rio para ilustrar o sistema, em especial o termo confluência, em hidrologia, significa o encontro de dois ou mais cursos de água formando um curso maior. A primeira versão da ilustração foi feita com linhas retas, o que mais se assemelha à característica de um rio canalizado em ambiente urbano. Importante pontuar que essa escolha foi por limitação de material na ocasião para esquematizar melhor as curvas que um rio deve ter sem a intervenção humana tola. Não foi possível localizar uma foto em *zoom* do esquema, o que impossibilitou a leitura das “funções museais” que foram escritas nas suas afluentes no esquema (imagem 3).

A partir das várias referências de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo (2015; 2018; 2019), é possível deduzir que sua noção de confluência se relaciona a um rio composto por afluentes que se encontram em determinados momentos, juntando seus fluxos para continuar a correr como um só rio. Trazendo essa concepção de Bispo para o contexto museal e museológico, os afluentes seriam as funções museais concernentes à salvaguarda e comunicação, colocadas em confluência com práticas de preservação do objeto de museu, convergindo para um objetivo comum, conforme o fluxo das coisas (Pantoja, 2022, p. 38).

Ressalto a possibilidade de compreender a musealização a partir do encontro de ações que alimentam um curso/processo maior. A escolha dessa proposta para encerrar a terceira etapa nos indica o diálogo e o aprendizado necessário com a Biointeração com o rio que propõe Antonio Bispo dos Santos (2015), em substituição ao caduco antropocentrismo dos processos expropriatórios do desenvolvimentismo colonizador.

Na quarta etapa, cada participante recebe um número de 1 a 5 que representa um dos aspectos da musealização (Pesquisa, Aquisição, Conservação, Comunicação expositiva e Descarte)²⁴. É solicitado que cada um pense e selecione uma sensação, memória, ocorrência ativada durante a etapa anterior; alguns exercícios teatrais de deslocamento do corpo pelo espaço, interação através dos olhares, trocas rápidas das memórias selecionadas e compartilhamento oralizado das memórias são realizados com as participantes.

Finalizados os exercícios, grupos são formados aleatoriamente contando com uma pessoa de cada número atribuído, assim não existindo mais de um aspecto da musealização em cada grupo formado, mais uma pessoa mediadora responsável pelo grupo. Apesar da formação de grupos, estes só cumprem o dever de facilitar a figura da pessoa mediadora e breves interações entre participantes, a tarefa é individual: deve ser elaborada uma forma de lidar com sua memória selecionada, inspirando-se na etapa da musealização que você recebeu. Cada pessoa tem até dois minutos para falar seu raciocínio e mais dois minutos para avaliar a experiência, ambas são registradas e a formação é encerrada nesse momento.

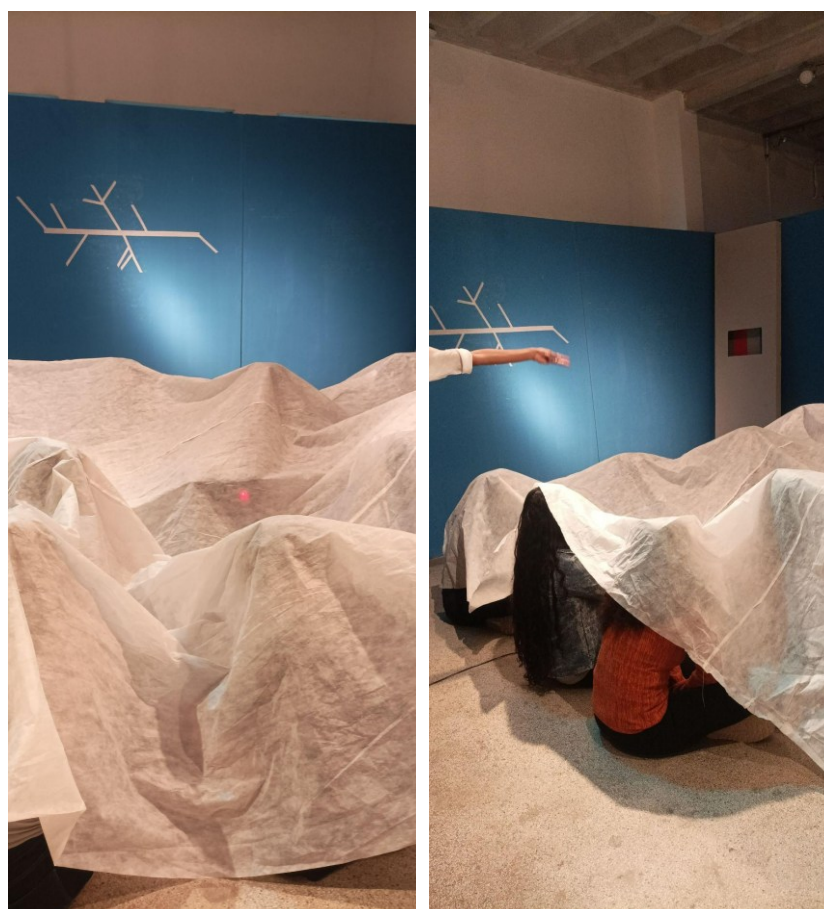
²⁴ A documentação foi suprimida e entendida dentro da conservação por pragmatismo, não foram definidas razões para além da possibilidade da resposta dos participantes, assim como Comunicação não compreende educação, somente a que se refere a exposição foi considerada na explicação aos participantes, devido ao produto da etapa implicar em uma aplicação educativa e compreender a transversalidade da mesma.

Imagem 3 e 4 - Esquema sistema confluyente museológico na SIA I E II



Fonte: Acervo pessoal, fotógrafa: Luíza Chouin, 2023

Imagem 5 e 6 - Esquema e participantes I e II



Fonte: Acervo pessoal, fotógrafa: Luíza Chouin, 2023.

DISCUSSÃO E RESULTADO DA PARTICIPAÇÃO

Vou conversar com algumas impressões registradas na avaliação dos participantes como exercício de ilustração das reações à formação antes de fazer as considerações possíveis sobre esse percurso investigativo na próxima e última seção do trabalho.

Durante a dinâmica o sentimento que me perpassou foi a **saudade** [...] veio um estalo que todos os objetos de salvaguarda que eu tenho na minha casa, eles atravessam muitos afetos e são objetos das minhas duas avós [...] o primeiro que eu tenho a lembrança bem viva de ter começado esse processo de guardar e cuidar é o anel amor de mãe que eu tenho aqui na minha mão, ele foi dado pela minha avó quando ela estava bem doente. Ela morreu logo depois, eu tinha 10 anos na época e eu uso ele desde os 15 [anos] e faz todo sentido com a palavra que eu tirei que foi **conservação, que é isso que eu tento fazer, não conservar só os objetos, mas a história dessas mulheres que são eu, que são minha mãe, que são minha família** [...] Está guardado e exposto ao mesmo tempo, na minha mão, no meu **corpo que também é acervo da minha história da minha família** (Relato 1, grifos próprios).

A função da Autorrecuperação (hooks, 2013) tem uma presença marcada nas palavras “saudade”, “afeto”, “lembrança”, “história” e “corpo”, elas nos informam a circunstância de se perceber que, apesar da memória do anel de sua avó emergir na ativação, é na ação de recomposição das histórias das mulheres da sua família que a participante compreende o sentido de Conservação (aspecto da musealização). O anel amor de mãe²⁵, em sua dimensão física no dedo da participante, é uma parte da percepção do seu próprio corpo como acervo da história familiar. Estabeleço o diálogo com os VCAB da Memória da Ancestralidade presente na Corporeidade da participante.

“Eu estava sentindo um momento de iniciação quando passavam as coisas pela minha cabeça, o cheiro da alfazema e aí eu ficava pensando ‘pô será que eles estão me iniciando e eu não to sabendo?’, quando eu sair daqui eu vou sair com outra perspectiva” (Relato 2).

Fui atravessado por diversas **memórias** [...] a partir da **minha religiosidade**, muito pelo signo que vocês usam do alá [tecido sobre a cabeça], a alfazema, a gente que é macumbeiro já cata logo[...]. Essa dinâmica é muito boa porque ela realmente consegue **atravessar** qualquer pessoa. Eu não sei se um bolsonarista seria atravessado não, mas nós que é preto, que tem uma consciência sobre **humanidade**, mas que tem **consciência mesmo de povo, consciência de pertencimento** a determinados aspectos. Eu acho que é uma dinâmica muito promissora, **muito legal** assim **eu fiquei muito feliz** de ter participado, é isso, tá aí (Relato 3, grifos próprios).

É curioso que em mais de um relato tenha aparecido a dimensão religiosa/espiritual, inclusive com menção ao ritual de iniciação durante a ativação, pois durante a elaboração não foi, ao menos consciente, a escolha do tecido ou das essências nessa perspectiva. Interessa destacar a subjetividade das participantes, composta por um repertório coletivo da sua

²⁵ Anel que simboliza o amor materno, geralmente repassado como herança familiar.

Religiosidade ao encontrar o ponto de conexão mais próximos no seu corpo e sua disponibilidade em sentir durante a ativação. Assumindo a complexidade do que é a formação, sob uma análise artística, a recepção e interpretação dos participantes não se restringe aos limites da elaboração da autoria da obra, mas acolhemos as múltiplas interações do público. Os VCAB da Memória da Religiosidade são autorrecuperados no Axé (energia vital) que gerou felicidade pela Ludicidade proporcionada pela formação.

Eu fico pensando muito nessa ideia de pesquisa muito do que o Lucas falou de pensar a pesquisa por uma chave contracolonial, eu fico pensando muito nessa pesquisa no **lugar da escuta**, eu acho que a gente tem uma ideia de pesquisa que ela é tão iluminista, que ela é tão Descartiana, ela é essa **forma muito dura e muito impessoal, ela é totalmente desencantada, e ela é um olhar objetivo sobre as coisas**. E nesse lugar dessa produção de ciência muito narcísica que vai sair disso que é sempre voltado ao pesquisador, é sempre voltada ao nome do pesquisador, e eu fico pensando que esse lugar da pesquisa que pode ser um lugar de escuta, **de abrir mão dessa autoridade, você permitir com o que o outro consiga estar e ser presente ali e não uma abstração de um outro a ser apontada e definida [...]** (Relato 4, grifos próprios).

Há um certo imaginário distorcido pelas colonialidades de que não é possível mobilizar conhecimentos pela pesquisa científica que não por uma tradição objetivista. O relato 4 nos oferece a oportunidade de resumir um apanhado de preocupações da nossa investigação: retirar a máscara da impessoalidade da pesquisa, questionar a objetividade como saber único, confrontar a autoridade e permitir que o corpo silenciado esteja presente sem ser a abstração do outro. A pesquisa pode ser um espaço de escuta, pode nos ajudar a reconciliar a dicotomia razão *versus* emoção, a estabelecer preocupações com a emergência do século presente, ao meu ver, de superar a dessensibilização da vida, a nossa *a priori*. E agir pela reparação, segurança, dignidade e bem viver das mais diversas existências, caso retornarmos a nos escutar, ativar o diálogo na Oralidade em torno da Cooperação/Comunitarismo, fazer do encontro um espaço de bons acontecimentos.

“Eu penso que tudo se inicia pelo afeto, é o que afeta a gente que traz a gente a esses objetos, eles perpassam um lugar da memória” (Relato 5).

São nas novas ações experimentais promotoras da Autorrecuperação da memória da pessoa profissional e pesquisadora da Museologia, a partir da afetividade, que podem gerar transformações da postura e, consequentemente, da forma como pensamos nossa área. De alguma maneira, a formação que proponho pode ser compreendida no conjunto dos esforços de evidenciar a finalidade pedagógica para formação humana que o conceito de musealização parece indicar quando operado a partir de valores e referência adequadas ao contexto cultural e com objetivo específico, pois naturalmente uma “teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e

dirigimos nossa teorização para esse fim” (hooks, 2013, p. 86). Buscando na experimentação e no compromisso recíproco de quem age e com quem age um horizonte de ação e “afetação”, podemos delinear que:

A pedagogia museológica é um conceito instigante que necessita de experimentações metodológicas que propomos pela reflexiva como capacidade e transformação constante, a colaboração dialógica na realidade empírica, e pela pesquisa-ação, porque **implica um comprometimento dos pesquisadores e profissionais na pesquisa como observador-observado. [...] experimentações podem ser promotoras de caminhos metodológicos flexíveis e criativos que acompanhem a sociedade nas suas constantes mudanças e demandas** (Xavier Cury, 2020, p. 139, grifos próprios).

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Por algum tempo evitei mobilizar a Afetividade como argumento, motivador e orientador da minha ação no mundo, fosse na política dos movimentos sociais que participei, na pesquisa e inclusive na dimensão mais íntima do meu ser. Talvez pela consciência da vulgarização romantizada que a palavra afeto tenha recebido, uma conotação fantasiosa em muitos discursos abstratos, talvez pela dificuldade de certa militância organizada temer o esvaziamento da ação e análise das condições materiais que estruturam a desigualdade. Pensar o afeto e o que nos afeta sempre é desafiador, instável e subversivo.

Nesse tempo, suprimimos a poesia, a arte, e deixamos de falar do que gostamos e agir compromissados com as transformações desejadas enquanto vivemos a vida que se é possível no presente. Eu que sou muito jovem, pouquíssimo apaixonada, conservo no meu íntimo alguma vontade de viver, pesquisar e viver a pesquisa e pesquisar o viver. Vou continuar a propor que investigação científica pode ser um caminho da honestidade com o que temos de melhor. Talvez eu só saiba escrever e fazer isso, são esses os meus Valores e Referências que me guiaram nesse percurso.

Há possibilidade de pensar, aprender e ensinar teoria e incentivar a prática da musealização além e só da contribuição de poucos entre os muros normativos das instituições e de abstrações exteriorizadas do nosso corpo. A pista talvez esteja acontecendo nas Museologias sociais, insubordinadas, reflexivas e/ou experimentais, ao impulsionarem novas atitudes de autodeterminação das suas memórias com melhor percepção e zelo consigo e com quem os cerca, talvez seja essa a gota de sangue da veia poética (Chagas, 2006) que exista onde quer que aconteça o fenômeno da musealização.

Em observância a construção de indicadores para políticas públicas culturais e educacionais, que preconizam o combate à desigualdade social, no que tange ao acesso à memória - uma das atribuições e responsabilidades profissionais da Museologia, os seguintes dados: a maioria quantitativa da população, 56,3% é formada por pessoas pardas, negras e indígenas somadas (IBGE, 2022), e estão em desvantagem na educação, mercado de trabalho, distribuição de renda, condições de moradia, violência e representação política em relação aos brancos e amarelos, 43,9% (Campos et al, 2022; IBGE, 2019).

Constatar e agir para transformação desse cenário não é um exercício exclusivo do serviço social, do direito, da filantropia, da saúde... É de quem tem compromisso com os fatos e com a defesa da vida digna. É preciso reposicionar as prioridades na produção científica, além do interesse de poucos super ricos que implodiriam o planeta a troco de alguma vaidade

alucinada. Precisamos de uma inteligência pública (Stengers, 2023), buscar nos associarmos as melhores e lúcidas oportunidades de melhor construir um saber, necessariamente popular, comunitário e costurado com quem possa se interessar em uma vida melhor em conjunto em uma terra que não esteja arrasada.

Bruno (2015, p. 5) compreende o potencial da cadeia operatória de procedimento de salvaguarda e comunicação (musealização) de constituir um processo pedagógico de incentivar a percepção, identificação e uso qualificado de valorização das referências culturais no âmbito das políticas públicas de cultura, educação e inclusão. Essa é uma percepção de inteligência pública para o nosso campo, pois atesta a importância da Museologia na sua mais ampla e necessária capilaridade de atuação estratégica na realidade.

Penso que a Museologia tem algo a contribuir às pessoas quando propõe uma pedagogia antirracista da musealização, e pode aprender algumas coisas com a educação crítica, complexidade e os VCAB, esse último que deve ser exaltado como o que temos de melhor em tecnologia social e cultural nesse país.

Penso que esse tipo de formação nos enriquece, os profissionais e pesquisadores de Museologia, no caminho de reparar nossa autoestima. Podem me questionar: “qual a utilidade de reforçar o papel da autoestima na formação profissional, esse espaço não é da psicologia do trabalho ou da clínica?” Eu respondo através da inteligência da minha Babá, matriarca da Comunidade de Terreiro Afro-indígena Casa do Silêncio, mãe Camila de Obaluayê, que vem me alertando que só aprendemos a partir da vivência e da experimentação e por isso só podemos dar aquilo que temos (aprendido e praticado em comunidade). Lidar bem conosco para melhor estar com os outros.

Outra resposta é que talvez o caminho mais eficiente, e gostaria que lessem honesto, para a uma Pedagogia Museológica esteja em nos valorizar integralmente nos processos, posições e espaços, em nos respeitar e admitir de onde viemos, enquanto seres de memórias e afeto que somos, parar de achar que nossos desejos, emoções, interesses, nossa criatividade são coisas a se reprimir; parar de despistar nossa vocação (Krenak, 2019, p. 31). Não se joga fora quem se é, e não se finge ser outra coisa para dizer que se vale mais.

É preciso que a “potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação” (Krenak, 2022). É preciso nos alfabetizar do que pode ser a educação e a ciência no século que vivemos, mas não a partir de métodos e cartilhas, podemos nos atentar na reflexão da Regina Leite Garcia (1989) ao nos diz que:

Mesmo uma criança que entra no Jardim de infância já sabe muitas coisas aprendidas em sua ainda que breve vida na qual foi fazendo leituras do mundo, leituras que começam com seus

sentidos, ouvindo o mundo, vendo o mundo, tocando o mundo, cheirando o mundo, provando o mundo, vivendo no mundo, agindo no mundo, pensando sobre o mundo (Garcia, 1989, 45)

Não conheço outro caminho que promova dignidade, emancipação mútua e felicidade que não passe pelo nosso autoconhecimento crítico, somada a vontade de transgredir as práticas sociais que não cabem o acolhimento, a afetividade e, diria até o amor, pois se quisermos continuar a mediar, comunicar, conservar, documentar, educar e pesquisar com outras pessoas e seres nesse século, contracolonizar é condição inegociável.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante; 2016.

ALMEIDA, M. Teoria é cura: voz e autorrecuperação em bell hooks. Medium; 2021. Disponível em: <https://marileaalmeida.medium.com/teoria-%C3%A9-cura-voz-e-autorrecupera%C3%A7%C3%A3o-em-bell-hooks-dec2e916e31c#_msoanchor_1>. Acesso em: 6 nov. 2024.

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Jandaíra, col. Feminismos plurais; 2020.

ALMEIDA, C. S.; FREIRE, M.; BENTO, L.; JARDIM, G.; RAMALHO, M.; DAHMOUCHE, M. Ciência e teatro: um estudo sobre as artes cênicas como estratégia de educação e divulgação da ciência em museus. Ciência Educação, v. 24, n. 2, p. 375-393, 2018.

HOOKS, b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da Liberdade. Trad. Marcelo Brandão. São Paulo: Martins Fontes; 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 1 nov. 2023.

BRITTO, C. C. Teoria do efeito de teoria: reflexões sobre a organização do conhecimento no campo das Museologias contemporâneas. Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 387–412, 2021. DOI: 10.19132/1808-5245274.387-412. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/110057>>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BRULON, B. Passagens da Museologia: a musealização como caminho In: Revista eletrônica do programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio / MAST, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/722/657>> Acesso em: 24 ago. 2024.

BRULON, B. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbyněk Z. Stránský e a Escola de Brno. Anais do Museu Paulista, São Paulo, vol. 25, n. 1, pp.403-425, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0114>>. Acesso em 29 mar. 2024.

BRUNO, M. C. O. Os territórios da memória e a memória dos territórios. Palestra proferida no Programa de Doutorado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2015. Disponível em: <https://ceam2018.org/wp->

content/uploads/2018/07/texto-1_ulht_territorios-da-memoria_memoria-dos-territorios.pdf.
Acesso em: 3 maio 2024.

CAMPOS, L. A; BARBOSA, R.; RIBEIRO, J; FERES JÚNIOR, J. Políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras (2020). Relatório das Desigualdades Raciais (GEMAA), IESP-UERJ; 2022, p. 1-22.

CHADÉ, J. Tribunal Internacional condena Bolsonaro por crimes contra. UOL Notícias, São Paulo, 1 set. 2022. Coluna Jamil Chadé. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/09/01/bolsonaro-conhece-hoje-1-sentenca-internacional-versao-preliminar-condena.htm>> Acesso em: 30 jan. 2025.

CHAGAS, M. S. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó, SP: Argos; 2006, 135p.

CHAGAS, M. S. O Campo De Atuação Da Museologia. In: Cadernos De Sociomuseologia, 1994. p. 07-28. Disponível em:
<https://www.academia.edu/32189990/O_Campo_De_Atua%C3%A7%C3%A3o_Da_Museologia>. Acesso em: 14 dez. 2023.

GARCIA, R.L. Alfabetização: responsabilidade de todos. 1989. In: SAMPAIO, S.; LACERDA, M. P.; RIBEIRO, T. (Org.). Alfabetização sem cartilha: gestos, experiências e narrativas. Rio de Janeiro: Ayvu; 2019.

GARCIA, R. L. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite (org). Método: Pesquisa com o Cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. DP&A; 2003.

GODOY LENZ, R.; RAMALLO, F.; RIBEIRO, T. Investigaciones-vidas en educación: conversar escuchar y constelar. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 24, p. 303–313, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.69448. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69448>>. Acesso em: 13 nov. 2024.

GONZALEZ, L. De Palmares às Escolas de Samba, tamo aí. Mulherio, Rio de Janeiro, Janeiro/Fevereiro 1985, ano II, n.º 5. Disponível em:
<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=459488&pagfis=93>>. Acesso em 28 jan. 2025.

ICOM BRASIL. Museologia Kilombola. Disponível em:
<https://www.icom.org.br/?page_id=2870>. Acesso em: 15 jan. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: Resultados Preliminares. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 jan. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. n. 41, 2019. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

IRIBARRY, I. N. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 16, n. 3, p. 483–490, 2003.

JÚNIOR, J. F. O que é realidade. Brasília: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1986.

KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, p. 65–78, 2012. Disponível em:
<https://periodicos.pucminas.br/geografia/article/view/3418>. Acesso em: 10 out. 2024.

KRENAK, A. Futuro ancestral. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2022.

KRENAK. A. Ideias para adiar o fim do Mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras; 2019

LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 21, jul-sep, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/DVjr4Q7wKS8CR6pnRRcfKMc/#>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 17ª. ed. 1987.

MACÊDO, L. C. A.; MACÊDO, R. K. A. Teoria da complexidade e pensamento complexo na prática da construção do conhecimento científico: 10 lições para produção e ensino em ciências. Seven Editora; 2023. Disponível em:
<<https://sevenpublicacoes.com.br/editora/article/view/2625>>. Acesso em: 26 set. 2024.

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO/SECRETARIA DE ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO. Portaria Nº 8.136. 10 de janeiro de 2023. Dispõe sobre a aprovação do Manual de Uso da Marca do Governo Federa. Diário Oficial da União. Disponível em:
<<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-secom-n-8.136-de-10-de-janeiro-de-2023-457408079>>. Acesso em: 10 dez 2024.

MAIRESSE, F. Zbyněk Stránský e a Bibliologia. In: SOARES, B. B; BARAÇAL, A. B (org.). Stránský: uma ponte Brno - Brazil. Paris: ICOFOM; 2017.

MOUL, R.; BARBOSA, M. I; SANTOS, E. S. Do reducionismo ao pensamento complexo: um olhar sobre as relações entre os paradigmas de ciência e a prática pedagógica. *Tecné, Episteme y Didaxis*, Bogotá, n. 44, p. 55–72, 2018. ISSN 2323-0126. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329254731_Do_reducionismo_ao_pensamento_complexo_um_olhar_sobre_as_relacoes_entre_os_paradigmas_de_Ciencia_e_a_pratica_pedagogica. Acesso em: 3 jul. 2024.

MUSEU DAS REMOÇÕES. Plano museológico. 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rwbitByzuP66EA3IQkOol7Ko44Sv79ps/view> Acesso em 1 jan. 2025.

NASCIMENTO, R. C. C. A ginga: do corpo ao Cosmos. *Vazantes – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes*, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 177-191, 2019.

NAJMANOVICH, D. *Novos Paradigmas na ciência e pensamento complexo: olhar com novos olhos*. Rio de Janeiro: Ayvu editora; 2022. 292p.

O MILAGRE DE ANNE SULLIVAN. Direção de Arthur Penn. Produzido por Fred Coe. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1962. 106 min.

PANTOJA, S. R. S. *Mulheres negras visualizadas e ignoradas: uma análise de narrativas expográficas no Museu de Arte de Belém (MABE)*. Orientadora: Joseania Miranda Freitas. 137 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Ciência Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

PICCOLI, M. S. Q; STECANELA, N. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. *Educação e Pesquisa*, v. 49, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/55yQ3zb8pLrwPD3kcdyQFdk/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_o_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. p. 107- 142. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/62075/36367>. Acesso em: 15 dez. 2024.

STENGERS, I. Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências tradução Fernando Silva e Silva. - 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; 2023.

TEDX. Qué vemos cuando vemos... | Denise Najmanovich | TEDxPlazadelLector [vídeo na internet], 2015 [acesso em 15 out 2024]. 1 vídeo: 20 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t_LzznJxur4>. Acesso em: 1 maio 2024.

SOUZA, L. B. O. Contribuições teóricas contra a colonialidade: a museologia e educação ambiental que queremos para adiar o fim do mundo. In: Anais XIII Encontro Nacional de Estudantes de Museologia. Ouro Preto, 2023.

SANTOS, W. L. P. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 36, p. 474-492, set. 2007.

SANTOS, A. B. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCT/UnB; 2015.

SILVA, G. R. Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2020.

STRÁSKÝ, Z. Z. O objeto da Museologia. In: SOARES, B. B; BARAÇAL, A. B (Org.). Stránský: uma ponte Brno - Brazil. Paris: ICOFOM; 2017.

WEISSHEIMER, M. Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida. SUL21. Porto Alegre, 27 maio 2018. Areazero. Disponível em: <<https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protoger-todas-as-formas-de-vida/>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (Eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

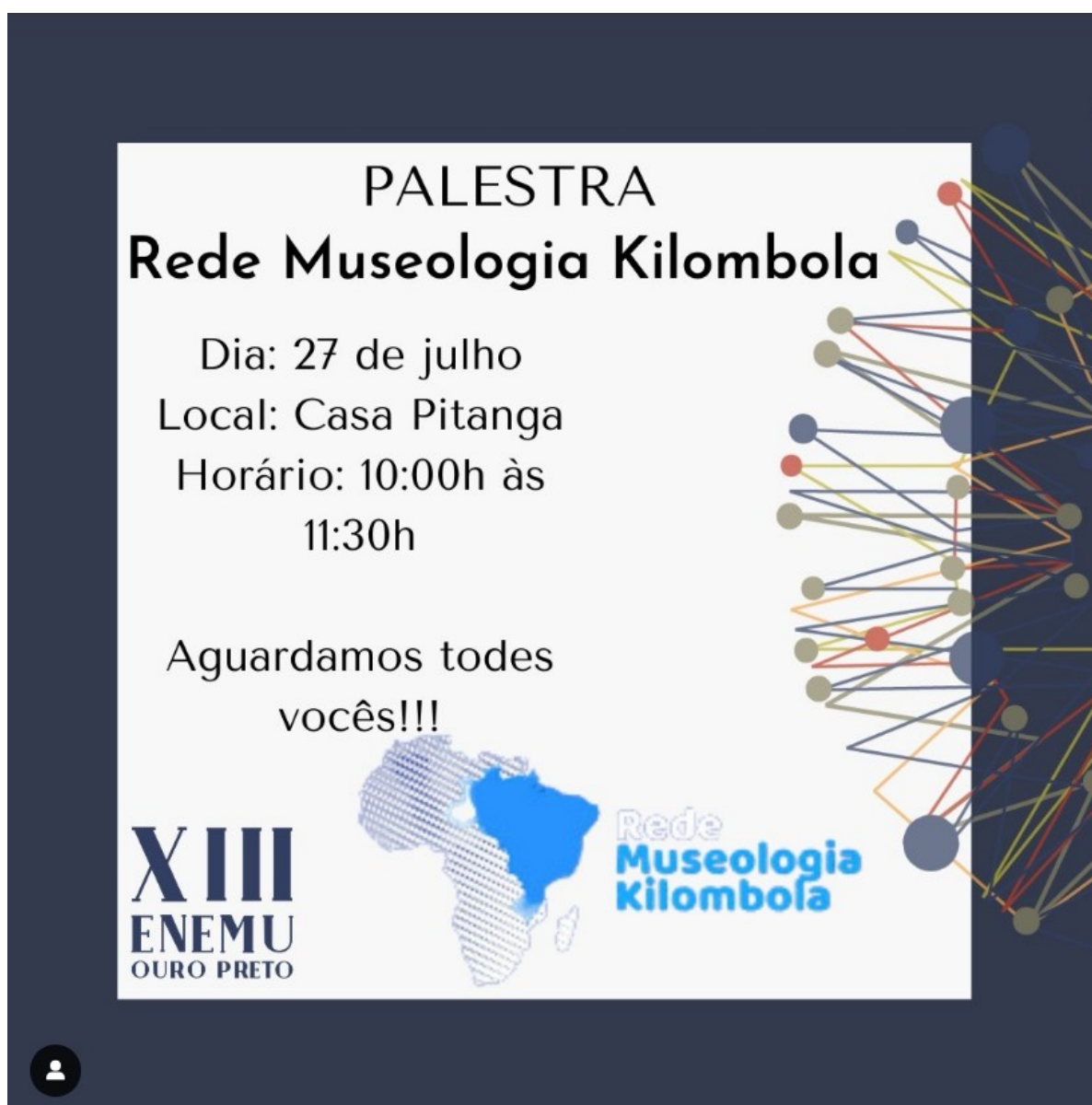
REDE MUSEOLOGIA KILOMBOLA. Página do Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/museologiakilombola>>. Acesso em: 30 out. 2024.

SCHEINER, T. Museologia e Pesquisa: perspectivas na atualidade. MAST Colloquia, vol. 7, Museu: Instituição de Pesquisa, Rio de Janeiro: MAST; 2005, p. 85-100.

TRINDADE, A. L. Saberes e Fazeres: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho; 2006. vol.3. 1ª. ed. 152p.

XAVIER CURY, M. Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 129–146, 2020. DOI: 10.26512/museologia.v9i17.29480. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/29480>. Acesso em: 3 dez. 2024.

ANEXO A - Divulgação da palestra da RMK no XIII ENEMU



Fonte: XII ENEMU OURO PRETO. Posta em rede social (instagram). 25 jul.2023. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/CvLbM73ub7S>>

ANEXO B - Apresentação da 13ª ed. da revista memória LGBT + RMK



Palavras em Rede

Quais são os desafios de se definir segundo a Rede Museologia Kilombola? O resultado você confere abaixo:



No mês de novembro do ano passado, nascia um inovador projeto que hoje une uma grande rede feita por dezenas de membros e colaboradores em volta de um objetivo comum: o diálogo para diversidade do povo preto nos espaços de poder. A realização de uma iniciativa tão ambiciosa e inédita no campo da Museologia – e nas diversas áreas de contato que a tornam uma ciência interdisciplinar –, perpassam desafios, esses que só podem ser superados no coletivo e com a vontade de dar certo.

A Rede Museologia Kilombola (RMK), depois de um ano continua a se questionar: “o que nos define enquanto coletivo?” E como conjugar a diversidade em torno de uma ideia em comum? Os membros da MK são enfáticos

em defender a ideia de estarem em construção constante, aprendendo e ensinando nos diálogos internos e externos, tal atitude sem a menor intenção de falsa modéstia, demonstra vontade em agregar para ser. Aqui, debruçamos a investigar a palavra, dedicando-se ao minucioso exercício de conhecer a Rede pelo o que seus membros dizem a respeito dela.

Uma definição que caiba

A resposta é difusa, mas temos algumas pistas... Na nuvem de palavras acima, os membros da RMK citaram livremente o que consideram definir o movimento que participam, e em seguida as palavras foram definidas de forma concisa pelos mesmos.

Afeto: uma referência

De forma proposital o esquema da nuvem de palavras conecta todas as demais palavras partindo de afeto, como um força-motriz que viabiliza um trabalho comunitário não remunerado economicamente, que consome tempo e dedicação. Afeto aqui é metodologia de trabalho, mas também é o afago depois de longas reuniões.

“Afeto é o que nós pretos precisamos, nos amar enquanto população afro em diáspora, mas também amar nossos corpos.”

Dicionário da MK

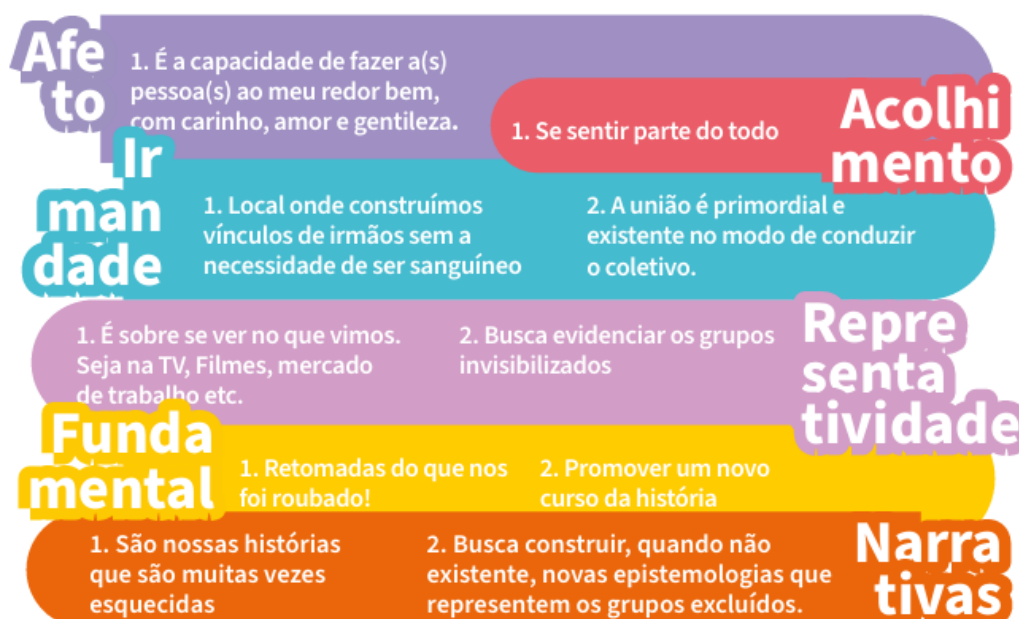
Separamos ainda algumas definições logo abaixo para refletir sobre a semântica atribuída pelos membros da MK. As palavras mais citadas ainda trazem significados subentendidos. Percebam o sentido dado às palavras narrativas, representatividade e fundamental, por exemplo, que reúne sentimentos ligados ao fortalecimento das identidades a partir da interação de pessoas negras que

projetem juntas novos sentidos positivos de encarar a sua ancestralidade.

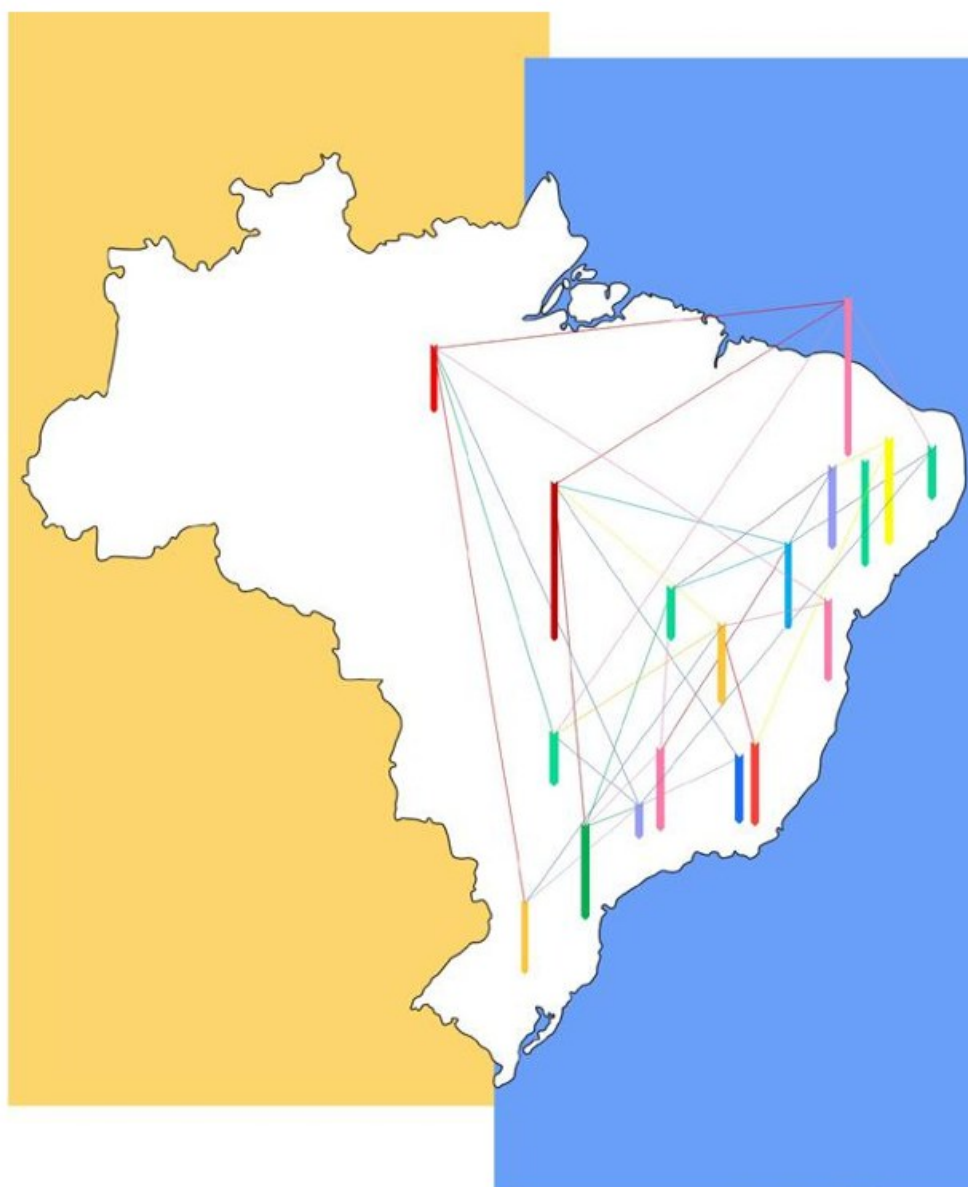
Em Irmandade quando refere-se ao [1] local de vínculos com semelhantes, mesmo quando sem consanguinidade, [2] união em conduzir o coletivo e Acolhimento: “se sentir parte do todo” traz para nossa reflexão a dimensão do quilombo e a marcante existência do aquilombamento da MK.

De variadas formas é possível interseccionar as definições dessas palavras para chegar em resultados plurais, mas todos atravessados por um sentimento que lidera a vontade e empodera os corpos que movimentam, nesse ponto fica claro que existir, consiste ir além da autorização para ser, é preciso estar em afetividade, ser feliz. Convidamos você a refletir e cruzar algumas das definições apresentadas e repensar o significado dessas palavras.

A MK parece está se esforçando em curar feridas que ardem, mas não perdem o gosto em viver. Não aceitamos mais só sobreviver, temos direito ao bem viver.



Mapa em Rede



‘Aonde’ estamos?

A Rede está conectada. E além da comunicação virtual que reduz as fronteiras, permite o amplo acesso aos membros dispersados pelo Brasil e agiliza o diálogo, estamos acessando a sabedoria de uns aos outros.

No grande emaranhado apresentado no mapa, mesmo que em menor proposição e simplificação, observamos os pontos de acesso/membros interagindo em rede, relações que nos foram debilitadas por um projeto genocida chamado colonização, por isso, também, reafirmamos o compromisso de encarar a herança ancestral e a vivência dos mais plurais contextos negros à disposição do trabalho coletivo que empenhamos. É no fortalecimento COM o outro que reside a Museologia Kilombola, em contato que SOMOS (ubuntu).

Atualmente, a Rede é formada por dezenas de membros oriundos de territórios tradicionais quilombolas, favelas e periferia. Sua maioria está na graduação e pesquisa em Museologia de diversas instituições, maior parte públicas, espalhadas por todas as cinco regiões do Brasil (norte, nordeste, Centro-oeste, sudeste e sul). Outros membros são museólogos e profissionais de espaços museais.

Gerimos a estrutura com comitês que desempenham trabalhos variados desde a comunicação até a pesquisa, onde as decisões são horizontais, forma que julgamos eficiente ao combate à figura de poder dos sistemas hierárquicos como os conhecemos: advindos do modelo eurocêntrico homogeneizante. A autoridade se apresenta diante da experiência e disposição de um membro em assumir as tarefas formalizadas em reuniões abertas a todos os membros que dialogam os passos a serem tomados.

Tal perseverança nos permite exercitar uma escuta atenta que rompe diretamente as imposições para, por fim, privilegiar um espaço mais saudável, em que as mais variadas contribuições disponíveis entre os membros e colaboradores possam ser apreciadas.

Instituições presentes

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia;

UFBA – Universidade Federal da Bahia;

UFEPel – Universidade Federal de Pelotas;

UFG – Universidade Federal de Goiás;

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais;

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

UFS – Universidade Federal de Sergipe;

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina;

UNB – Universidade de Brasília;

UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo da Vinci;

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;

Museu Catavento;

Lugares presentes

Bahia,

Brasília,

Goiás,

Pará,

Minas Gerais,

São Paulo,

Rio de Janeiro,

Rio grande do Sul,

Santa Catarina,

Sergipe.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DE PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

Evento	Produção / Plataforma	Data	Temática	Observações
18ª Semana Nacional de Museus	Secretaria de Cultura de Botucatu - Youtube	29/05/2020	Negras Memórias - O papel da Museologia Kilombola em tempos de resistência	
III Seminário Museus e Resistência: Do Luto à Luta	Curso de Museologia da UFSC e Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC - MArquE/Instagram, Youtube, Spotify, Soundcloud	10/2020	#4 Museus e Resistência (UFSC+ UFPE) Museologia Kilombola: uma epistemologia em tempos de luta	Além de participar como convidadas, coorganizamos o evento junto com o Memorial da Inclusão, o Sistema Estadual de Museus de São Paulo e o Museológicas Podcast
XI Artefatos de cultura negra	Universidade Regional do Cariri – URCA/Google meet	02/10/2020	Cultura negra (comunicação oral)	Apresentação de pesquisa em curso em relação as lives desenvolvidas pela rede MK de julho a outubro cujo tema foi - museologia em rede: museologia, racismo e afins
Semana do Curso	Curso de História da Arte: História, Crítica e Curadoria da PUC- SP/ Facebook	29/10/2020	As repostas da arte diante do atual cenário político	
I Seminário Internacional no Muquifu: Museus, práticas museais e comunidades	Muquifu – Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos/ Youtube	07/11/2020	A construção de uma Museologia Kilombola	
XI Seminário Internacional “Pensar Direitos Humanos” Mundo em Desalinho: Direitos, Vida, Ciência e Democracia na Encruzilhada da Pandemia da Covid	XI Seminário Internacional “Pensar Direitos Humanos” Mundo em Desalinho: Direitos, Vida, Ciência e Democracia na Encruzilhada da Pandemia da Covid-19	18/11/2020 (14h)	GT Minorias, Cultura e memórias (Comunicação)	Museologia Kilombola - Uma Epistemologia em tempos de luta
V Seminário do Coletivo Rosa Parks: População Negra em Tempos de Pandemia	V SEMINÁRIO DO COLETIVO ROSA PARKS: População Negra em Tempos de Pandemia	20/11/2020 (17h-19h)	Práticas transformadoras para lógicas hegemônicas (Oficina)	



Conheça mais do
nosso trabalho



Email:

museologiakilombola@gmail.com



Instagram:

[@museologiakilombola](https://www.instagram.com/museologiakilombola)



Twitter:

[@MKilombola](https://twitter.com/MKilombola)



Youtube:

[@Museologia Kilombola](https://www.youtube.com/@MuseologiaKilombola)



Facebook:

[/Museologia Kilombola](https://www.facebook.com/MuseologiaKilombola)



Ou aponte a câmera
no código QR



**Rede
Museologia
Kilombola**

Fonte: Revista Memória LGBT. Etnia, Raça e Sexualidade: Memórias e corpos pretos em afeto, 13ª, 2021. Disponível em <<https://www.calameo.com/books/001105595e0b20266cf55>>